



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0760/05	DATA: 7/6/2005
INÍCIO: 14h48min	TÉRMINO: 18h16min	DURAÇÃO: 03h28min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 03h27min	PÁGINAS: 113	QUARTOS: 42

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

TAÍS ALVES DA SILVA - Depoente
WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Depoente

SUMÁRIO: Tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES

Há intervenções inaudíveis.
Há expressões ininteligíveis.
Há intervenções simultâneas ininteligíveis.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Havendo número regimental, declaro aberta a 26^a reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas.

Informo aos Srs. Parlamentares que foram distribuídas cópias das atas nºs 23, 24 e 25.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Peço a V.Exa. que dispense a leitura das atas e que as vote em bloco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dispensada a leitura, coloco as atas em discussão.

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Aqueles que aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*)

APROVADAS.

Quero incluir na ata a justificativa de ausência do Deputado Luiz Couto e dizer que S.Exa. tem sido um dos Parlamentares mais ativos nesta CPI. Só que a Vice-Presidente da CPI já havia informado a esta Presidência o motivo da ausência de V.Exa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Deputado Padre Luiz Couto, Sr. Presidente, foi visitar as carceragens do Chile, em nome do Parlamento Latino Americano, e voltou desesperado com o que ouviu sobre a Bolívia. Depois, ele conta para V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito bem, mas agora temos um trabalho grande. O trabalho da CPI, no Rio Grande do Sul, foi bastante profícuo. Conseguimos parabenizar o Relator pela organização dos trabalhos lá. Realmente, justificou a ida da CPI. Tenho certeza da preocupação do Relator com tudo que acontece lá, mas ficamos bastante preocupados com o que estava acontecendo e recebemos informações preciosas. Hoje ainda, o Relator estará dando entrada numa solicitação de quebra de sigilo de alguns nomes, que amanhã votaremos, com base em informações que recebemos. Está certo, Sr. Relator?

Convido a Sta. Taís Alves da Silva a tomar assento à Mesa. (*Pausa.*)



Pergunto à Sta. Taís Alves da Silva se gostaria de fazer o juramento de dizer a verdade. (*Pausa.*) Então, por favor, leia para nós.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sta. Taís, a CPI é uma Comissão Parlamentar de Inquérito do Legislativo, ou seja, composta por Deputados. Qualquer risco que a senhorita tiver, temos condições de dar cobertura para dar garantia de vida e coisa assim que a senhorita achar que ocorre, qualquer auxílio que tiver, até porque vemos que, realmente, tu tens pouca idade, e pessoas com mais experiência podem ter usado dessa tua pouca idade e ter te levado junto em coisas que não deviam. E, se pudermos ajudar, é claro que vamos pedir que tu digas toda a verdade sobre todos os fatos. A partir daí, se tu tiveres qualquer tipo de receio, Taís, tu vais contar conosco, tá? Vais contar conosco de verdade. Nós fizemos, por exemplo, a Deputada Laura e eu, aquela CPI do Narcotráfico, que chegou até o Fernandinho Beira-Mar e outros que atuavam, infelizmente, nesse crime organizado, chegou naqueles Deputados que foram presos e tudo. Então, estamos levando com muita seriedade isso. Infelizmente, armamento, munição, essa grande que foi encontrada no carro em que tu estavas, é um armamento para matar pessoas. Infelizmente, não é para fazer campeonato de tiro nem nada disso, é para matar pessoas. Entre as pessoas, temos várias pessoas de bem, temos policiais que vão morrer por causa disso, tem meninos que vão morrer, tem meninas que vão morrer, que nem tu. Então eu queria que tu fizesses o juramento de dizer a verdade. Eu fiquei muito contente de tu aceitares, porque é a pessoa que tem a liberdade de aceitar ou não. Então, nós queremos que tu relates com as tuas palavras, não precisa se preocupar, o que aconteceu. O que vem acontecendo com o Walter. Temos aí alguns monitoramentos telefônicos que já mostram que, infelizmente, foi para um lugar errado. Então, eu queria que tu contasses a verdade só para nós e não te preocipes com mais nada. Dizendo a verdade, vamos estar do teu lado, vamos estar te protegendo, vamos estar te amparando. Se disser mentira, aí, infelizmente, fica difícil para fazermos alguma coisa, tá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Está bom.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, a palavra é tua. Para tu contares como aconteceu tudo isso. Pode começar do início.



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, ele... Eu estava na minha casa dormindo, ele me ligou de manhã cedo, era umas 6 e meia, 7 horas, por aí, e perguntou se eu queria... Ele falou assim: "Eu vou viajar, quer vir comigo?" Aí eu perguntei: "Para onde?" Aí ele falo: "Pô, eu vou levar um colega em Foz. Mas é só, mas eu vou e vou voltar." Aí eu falei assim: "Tá, tudo bem." Ele falou: "Fala com a sua mãe." Só que eu não falei com a minha mãe o destino certo, porque eu sabia que ela não ia deixar. Aí eu peguei e falei para a minha mãe que eu ia para um churrasco num sítio, e ela autorizou, deixou, e nós viemos, seguimos o caminho. Ele chegou na minha casa já acho que eram umas 7 horas, ele e o rapaz que estava junto, e viemos. Paramos pra tomar café, paramos pra almoçar. O pneu furou, eu lembro que o pneu furou. Eles pararam pra consertar, na estrada. Aí, retomamos a estrada. Depois o pneu novamente furou. Aí foi quando viram que não tinha mais jeito de consertar o pneu. Seguimos a viagem, chegamos... Ele fez as contas que chegaria em torno de uma hora, mas pelo fato de o carro ter, de o pneu ter furado, nós chegamos eram umas quatro, quatro e meia, cinco horas da manhã. Chegamos no hotel, subimos direto. Esse rapaz pegou a chave do carro, falou que teria que ficar na recepção. Subimos, fomos dormir, acordamos duas, duas e meia, três horas. Foi a hora que nós viemos embora, até que nos pararam lá no barracão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso foi tudo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como era esse rapaz que estava junto no carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Olha, a fisionomia dele eu não lembro. Eu sei que ele era baixo, moreno, não forte, normal. Nem magro nem gordo, normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele era baixo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era. Era do meu tamanho, assim, mais ou menos.

(Intervenção inaudível.)

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Baixo, moreno. Moreno, ele era...

(Intervenção inaudível.)

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Moreno de pele.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Moreno. Cabelo curto?
Cabelo comprido?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era cabelo curto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cabelo curto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Liso ou crespo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, o que deu pra mim perceber é que era cortado a máquina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bem curtinho, então?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, curto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse que fica quase careca, assim, é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, mas não chegava a ser “careeeca” não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cabelo curto, quase careca. Te lembra da cor dos olhos dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não lembro porque eu não tive muito contato com ele. Ele ficou atrás, não conversou. A viagem inteira viemos eu e o Walter conversando. Nem olhar... O único contato que eu tive com ele foi no momento em que eu dei bom-dia, na hora que eu entrei no carro pra podermos vir. Mas era castanho, castanho-escuro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Castanhos os olhos. Como é que era o nome dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Djalma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu já conhecias o Djalma?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nunca tinhás visto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que é que o Djalma estava junto com vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque o Walter falou pra mim que ele viria trazê-lo a Foz, não falou fazer o quê; falou que ele era sacoleiro, viria comprar umas coisas, mas ele só vinha deixá-lo em Foz e nós voltaríamos pra casa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o carro era do Walter, era?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, o carro não era dele, mas de quem, a pessoa, eu não sei quem era. Eu ouvi ele dizer algo, assim, de Pastor Marcos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O carro era do Pastor Marcos. Tu conheces o Pastor Marcos?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conheces ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só sabia que era do Pastor Marcos.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quantas horas foi a viagem do Rio até Foz?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ai, de cabeça, assim... Eu sei que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas tu saíste, assim, de manhã cedo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Saí de manhã cedo e cheguei quatro, quatro e meia, cinco horas... quatro horas lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quatro e meia, cinco horas. Pode, Deputada Laura, pode conversar com ela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Taís, quantos anos você tem, querida?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Dezoito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você estuda?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Estudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aonde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O nome da escola?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Colégio Estadual Sarah Kubitschek.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, você estuda no Sarah. E qual é a tua série?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Terceiro ano.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você mora em que bairro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu, em Campo Grande.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aonde, em Campo Grande? Não precisa a rua, não.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Na Estrada da Posse.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá. Diz uma coisa pra mim: há quanto tempo você conhece o Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Há 2 anos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Há dois anos, você tinha o quê, 16? Ou já tinha completado 16 ou tinha 15?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já tinha 16.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E você começou a namorar ele nessa época?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. O tempo de namoro, nós temos um ano e meio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você tem 18, você tinha 16 quando começou a namorar ele, não é isso? Vamos pensar aqui. Quando é que você faz 19?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu, ano que vem, em fevereiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você faz em fevereiro, você tinha 17 anos, então, no começo dos seus 17 anos.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você namora com ele desde os 17?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E você sabia que ele era casado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E como é que começou esse namoro? Foi por que você quis, ele quis ou teve aí uma seduçãozinha?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, foi assim: ele teve um período que estava separado, entre aspas, da esposa. Foi no período em que nós nos conhecemos. Só que, até então, não rolou nada, foi só amizade; não rolou nada entre nós dois. Passou um tempo, eu comecei a me interessar por ele. Fui eu quem,



quem liguei pra ele a primeira vez, fui eu quem procurei, e sedução, da parte dele, não houve.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Então, você namorou ele porque quis.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Namorei porque quis.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá. E você sabia que ele era casado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabia...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas e tua mãe sabe da relação de vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A minha e dele?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sua mãe sabe. E ela normalmente deixa você viajar com ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas não deixa viajar, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi a primeira vez que você viajou com ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você nunca tinha viajado antes?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você lembra o hotel em que vocês ficaram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ilha de Capri.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando vocês chegaram lá, você fez... vocês preencheram os papéis, não é, porque...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Eu e ele, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, você chegou no hotel e não?... Mas ele preencheu, pelo menos. Você nem digo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, nós dois subimos direto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sem preencher nada?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O rapaz que ficou resolvendo tudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, o rapaz é que ficou resolvendo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, foi a única vez que você foi lá, você tem certeza?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Absoluta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você ficou novamente no mesmo hotel? Ficou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, só fui lá uma vez!

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, então, foi só nessa vez que você ficou nesse Ilha de Capri?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Diz uma coisa para mim: é esse aqui, ó? (Pausa.) É esse aqui o hotel?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que é que quando tu passastes com os agentes, tu não reconhecestes o hotel?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi!? Não entendi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputada Laura, ela passou na frente, então, eu deixo a Deputada Laura lhe explicar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então, você nunca tinha viajado antes e você ficou nesse hotel com ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fiquei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês só dormiram lá uma noite?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só uma noite.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Saíram muito cedo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Saímos umas 4 horas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Da tarde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Da tarde. Umas três e meia, 4 horas.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, espera aí. Então vocês chegaram ao hotel às 5 da manhã, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Saíram de lá às 4 da tarde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E esse período vocês ficaram no hotel, então?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ficamos no hotel.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não passeou...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... em Foz?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E qual é a graça de, na tua idade, sair pra namorar, pegar um carro, andar 20 horas, 24 horas.. não, 24, não, 12 horas de carro... Não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Dezesseis.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dezesseis horas de carro, chegar num hotel, dormir, acordar e sair pra ser preso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi por que ele falou pra mim: "Amor, eu estou te levando pra mim não poder dormir na volta..."

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pra ficar conversando com você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Pra, pra ele não poder dormir e não bater com o carro. Esse foi o porquê da minha ida.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas ele não te explicou por que é que ele ia com você... O que é que ele ia ganhar com isso? De levar um amigo até Foz?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, ele falou que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por que o cara não foi de ônibus? Você não perguntou: *Pô, o cara é sacoleiro, por que é que não foi de ônibus?* Em vez de passear com ele, menina!... Vocês podiam ter ido pra Angra, pra Búzios, tão pertinho lá da tua casa. Angra, então, é um pulinho!

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, realmente.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pensa bem: vai namorar em Foz do Iguaçu, de carro? Pára pra pensar.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi, mas eu fui por companhia, só.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu não tenho dúvida que você foi por companhia. Mas você não entendeu, não perguntou por que é ele queria ir? Só para passear?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha só, você ficou 16 horas do lado desse homem. Você não foi perguntando a vida dele, porque você já conhece. Você não foi fazendo declaração de amor, porque o homem estava atrás. O que é eu tu falaste com ele 16 horas?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, eu dormi bastante...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hã, na viagem...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - ... eu dormi bastante, e ficamos conversando coisas bobas, rindo sobre o papelzinho do pedágio que eu estava guardando pra mim e, aí, ele falou assim: *Ah, guarda pra tu amostrar a tuas amigas 'aqui, eu passei em Foz, eu passei em tal lugar, mas foi aventura'...*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E você lembra onde foi que furou o pneu? Você guardou os pedágios todos, quer dizer, você acompanhou a viagem. Onde é que foi que furou o pneu? Qual foi a cidade?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi... São Paulo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O primeiro pneu furou em São Paulo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi. É porque eu não conheço, assim...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas olha só, se você estava guardando o papelzinho do pedágio pra mostrar a tuas amigas — não é, não, Deputado, ela minimamente ia contar todas as viagens, todos os detalhes... Afinal, 16 horas, tem de fazer alguma coisa, senão morre de tédio. Na tua idade, então, eu ia pular do carro, de tanto nervoso.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos lá. Então, o primeiro pneu furou em São Paulo. E o segundo?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O segundo foi no... o nome do lugar eu não sei, porque estava noite já, eu já estava dormindo e eu só acordei porque eu vi ele freando o carro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Furou de novo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque furou. Ele consertou e o rapaz que consertou falou: *Pô, vai colocar, mas vai correr o risco de novamente ele furar.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E furou.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E furou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí foi consertar pela segunda vez.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí ele não... Não, ele já tinha consertado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, consertou em São Paulo, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, pôs o pneu no lugar, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele pôs, ele e esse... e o Djalma colocaram um estepe de reserva, lá, o que tinha lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o Djalma fizeram, claro. Puseram o estepe no lugar do pneu e o pneu arrumado puseram atrás, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, saíram com o estepe. Aí, o estepe furou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eles estavam querendo consertar o pneu que estava furado, porque eles...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ué, mas não parou em São Paulo? O pneu não furou e não foram ao borracheiro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mas o... quando parou em São Paulo, quem consertou foi o Walter e o Djalma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como, menina?!

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eles trocaram!...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Meu amor, eles não consertaram, eles tiraram o pneu furado!?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, trocaram!...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E não consertaram o pneu, não parou numa borracharia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, parou...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Seguiram... vocês seguiram viagem pra Foz do Iguaçu com o pneu furado no carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Com o pneu furado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não disse assim: *E aí, se furar o pneu!?*

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mas eu falei com ele...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele falou o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí ele falou: *Vamos parar pra poder jantar e consertar o pneu.* Nós paramos...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, que horas esse pneu furou em São Paulo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí era tarde. Deveriam ser umas 4, 5 horas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quatro, cinco horas, não é? Puxa, mas vocês demoraram foi tempo, hein? Doze horas, menina, vocês levaram do Rio a São Paulo? Que viagem longa essa! Porque eu levo quatro, mas, tudo bem, vocês levaram doze. Então, espera aí. Vocês saíram... Vamos recapitular aqui, pra eu entender, querida. Eu quero acreditar que você não vai mentir pra mim, porque você não é doida, não é? Então, vamos lá. Às 5 horas da manhã, vocês saíram de casa, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Cinco horas da manhã, não, às sete.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sete da manhã, desculpa. Então, demoraram 10 horas pra São Paulo. Sete horas da manhã saíram de casa e o pneu furou em São Paulo, mais ou menos, às 5 da tarde. Portanto, vocês levaram do Rio a São Paulo 10 horas. Pararam pra almoçar?...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Paramos pra almoçar, paramos pra tomar café...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aonde vocês pararam?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O nome do lugar eu não sei...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, aí o pneu furou em São Paulo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não trocaram o pneu.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não trocaram o pneu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nenhuma borracharia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nenhuma borracharia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Continuaram a viagem? Que horas vocês pararam para jantar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eram nove, nove e meia da noite.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, 4 horas depois, vocês pararam pra jantar e cuidar do pneu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E cuidar do pneu. Só que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você lembra do nome do restaurante?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, porque era um... não era um restaurante... Era um barzinho, assim...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De estrada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você lembra onde foi? Era posto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, acho que não era posto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas nem lembra o Estado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não lembra onde era?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não lembro, porque eu não conheço esses lugares. Foi a primeira vez que eu vim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas eu sei que você não conhece, mas se você estava guardando os papeizinhos do pedágio é porque você queria ter toda a sua viagem documentada, pra contar pros amigos, claro.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, mas eu só peguei, mas eu só peguei porque, assim, ele pagava, eu pegava e botava dentro do porta-luvas. Eu nem via



nada. Eu botava ali. Mas pegar mesmo só peguei quando estávamos vindo, que eu peguei pra contar quantos pedágios nós tínhamos passado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, tá. Bom, aí vocês saíram, jantaram, consertaram o pneu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não tinha borracharia, andamos mais um pouco, aí ele encontrou uma borracharia. Aí, não tinha, o menino não tinha... não tinha como consertar, porque ele não tinha câmara de ar. Aí, não adiantou nada. Aí, voltamos pela estrada de novo até ele encontrar esse lugar onde ele consertou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, vocês pararam em uma... duas... três... quatro paradas?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Até consertar o pneu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quatro? Agora... Então, vocês conseguiram consertar o pneu a que horas?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí deveria ser umas três, duas... duas e meia às três horas da manhã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então vocês já estavam bem pertinho de Foz.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Estábamos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bem pertinho.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Estábamos, porque...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês já estavam no Rio Grande do Sul.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - ... o pneu furou logo depois de um pedágio. Aí foi na hora que ele, quando ele conseguiu consertar. Foi logo depois de um pedágio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas você não disse que ele não tinha conseguido consertar o pneu, que a borracharia foi só às 2 da manhã?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Então, mas ele, quando o pneu estourou novamente, quando falou que não tinha mais conserto, ele colocou o outro, que estava.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá, e aí conseguiu, então, às 2 e meia da manhã, consertou os dois pneus, é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, um pneu ficou sem conserto.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas, por que, meu Deus! Se estava na borracharia, por que não consertou os dois?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque a câmara estourou, ele falou que não ia comprar outra naquele momento, ia comprar quando nós estivéssemos voltando pra casa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está. Agora me explica uma coisa: por que, quando você foi com o pessoal da Polícia lá no hotel, você não reconheceu o hotel que eu te mostrei ali a foto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque eu fiquei... eu estava muito assustada e eu fiquei com medo!

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De quê? De dizer que estava no hotel? Qual o problema?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, mas eu fiquei com medo, com medo de... Eu não sei, medo. Me deu medo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De dizer que estava nesse hotel...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E eu queria falar só em juízo. Eu queria contar...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qual a diferença?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque, assim, tinha que contar a história toda hora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Toda hora.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Toda hora tem que ficar contando a história, e eu não queria, porque eu já estava me sentindo mal, estava péssima, estava deprimida, muito mal, até por causa da minha mãe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Imagino a bronca que você levou.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Até por causa da minha mãe... Eu não levei bronca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Ela não me deu bronca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?!

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, se fosse minha filha... (*Risos.*)

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - (*Risos.*) Ela não deu bronca.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela conversou, mas bronca não deu. E... o que é que estava falando?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você estava falando que você estava nervosa, por isso que você mentiu ao pessoal da Polícia Federal.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, por isso que eu não queria falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas foi no Ilha de Capri mesmo que vocês ficaram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi no Ilha de Capri.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me diz uma outra coisa: vocês tomaram café no hotel?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, dormimos direto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não comeram nada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Dormimos direto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas quando você acordou, às 4 da tarde, vocês comeram alguma coisa no hotel?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No hotel, nada. Nós íamos parar na estrada pra poder almoçar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E pararam?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não deu tempo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi preso antes?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fomos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E como é que foi, como é que, quando chegou lá e que viu a munição, estava onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, eu vi só na hora que estavam retirando, mas eu vi tirando lá do porta-malas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Do porta-malas.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí você olhou pro Walter e disse: *Você ficou maluco!?* O que você falou? *Amor, você quer me prender?* Alguma coisa você tem que ter dito.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eu... Não, eu virei pra ele e falei assim: *Pôxa, que é isso? Você sabia disso?*



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele falou que não!

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, o negócio foi parar no carro à toa, andando.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele falou que não, aí...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você acreditou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu, na hora, realmente, eu não acreditei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, está. E aí você falou o que pra ele, como você não acreditou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não deu tempo de conversar com ele, porque ele ficava conversando com os policiais e não estavam querendo deixar a gente ficar junto um do outro. E, na hora que eu fui ver realmente o que é que era, um policial perguntou: *É seu, mocinha? De quem é? Da mocinha?* Aí, ele falou assim: *Não, não tem nada dela.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas você sabe que você estava no carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sei que eu estava no carro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você sabe que a pena não é brincadeira, não sabe?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora me explica uma coisa, nesse um ano e meio você conhece bem o Walter.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Conhece, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a gente tem aqui um monte de documentos, inclusive conversa gravada, que liga ele aos traficantes ali da região, ali de Bangu: Pinga, aquele outro... Batata...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não conheço nenhum deles.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E por que é que você, numa carta pro Walter, disse assim...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A grande verdade é que tudo mudou quando você se enfiou na favela.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Exatamente. Viu como você decorou a frase, menina!? Explica pra mim o que é que quer dizer essa frase.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque é assim: ele me dava muita atenção, ele era muito atencioso, a gente conversava, a gente brincava, a gente saía, ele vivia indo na minha casa... Então, quando ele começou a se afastar, assim, de mim um pouco, eu senti falta da atenção dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu senti falta da atenção dele. E, assim, eu sou muito ciumenta e eu não gostava que ele ficasse com os amigos. Quando ele falava pra mim: *Ah, estou com os meus amigos*, não gostava; falava: *Ah, estou em casa*, não acreditava, porque realmente eu tinha ciúmes, eu sou muito ciumenta. (*Risos.*) Então, a palavra, assim: *a grande verdade é que você mudou quando você entrou na favela, se enfiou na favela*. Foi porque ele, ele não falava com o pai dele, ele não tinha uma relação boa com o pai dele. Aí, ele voltou a se entender com o pai dele, voltou a falar com os amigos de infância dele, que moram lá, com os amigos dele de lá, os amigos de futebol, e começou a ficar mais do lado do pai dele do que comigo, e eu sentia falta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Começou a freqüentar que favela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era Senador Camará.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, ele passou a freqüentar Senador Camará o quê? Mas em qual das favelas ele ia mais?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ali era o Taquaral.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Taquaral. Ele morava...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Em Bangu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu sei que é em Bangu, mas ele não morava ali na Colina do Retiro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No condomínio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No condomínio?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ele passou a freqüentar qual deles, a Coroa?... Qual das favelas? Senador Camará tem um monte.



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, porque eu consi... ali, Taquaral, eu considero favela entre aspas. Eu falo favela...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, não é favela, não.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu falo favela pelo fato, assim, de ser comunidade carente. Lá, a comunidade é carente, classe média baixa; lá, classe média baixa. Então, é igual passar na favela de Senador Camará, quando passar alguma coisa na televisão. Na favela de Senador Camará. Então, eu botei favela, mas não foi pra...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Então, ele passou a freqüentar a comunidade e, aí... Quem eram os amigos de infância dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você nunca foi lá com ele? Foi na casa do pai dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca foi?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O pai dele eu só conheço de vista.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você nunca conversou com o pai?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Só conheço uma irmã e os filhos dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, os filhos sabem de você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A mulher também?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está tudo tranquilo? E você... O Walter ajudava a te sustentar ou não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca te deu nada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, dava. Quando eu pedia, ele me dava. Quando eu queria comprar uma roupa, eu pedia dinheiro a ele, ele me dava, mas, assim, de pegar e ter uma responsabilidade de me sustentar nunca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, isso aí é da tua mãe, claro. Mas vocês não pensaram em morar junto nem nada disso, nem ele montou apartamento, nada?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, pensar nós até pensamos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele nunca pensou em montar um apartamento pra você, pra ser mais fácil vocês se encontrarem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele queria que eu terminasse os estudos primeiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas aí ele falou o quê? Ele estava comprando um apartamento, alguma coisa assim?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ele falou que era pra mim terminar os estudos, que a nossa vida ia se ajeitar assim que eu terminasse os estudos. Tanto que esse ano eu fiquei reprovada e ele não gostou. Ele falou: *Poxa, logo agora, esse ano, que a gente ia se entender, formar a nossa vidinha, você foi ficar reprovada?* Ele não gostou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quanto você acha... E ele falava pra você do que ele ganhava, do que ele tinha?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Como assim?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Patrimônio dele. O que é que ele tinha? Casa, carro? Você sabe alguma coisa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eu sei que ele tem um carro, uma moto e uma casa em Iguaba.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E você sabe se ele já teve algum Vectra, Santana, esses carros grandes, assim: Vectra, Santana, Audi?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, os carros que ele teve quando ele estava, quando nós estávamos juntos, foram uma Palio, um Escort, um Siena e este Passat que ele está agora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então ele nunca teve nem Santana, nem Vectra?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Que eu saiba, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Passat que ele tem agora é de que ano, você sabe?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Olha, eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É novo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É novo.

(Intervenção inaudível.)



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, Passat novo... É aquele Passat alemão, não é, aquele carro bonitão, grandão.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É parecido com uma Parati.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me explica uma coisa: qual foi o carro que vocês viajaram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi numa Classe A que viemos pra cá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um Mercedes Classe A?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Um Mercedes Classe A.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E por que é que não foi no Passat novo dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu perguntei a ele, e ele falou que o carro que estava consertando é o carro dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí ele falou que tirou o carro de onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Que o carro dele estava com uns problemas... Ele falou pra mim que o carro era... eu perguntei: *de quem é esse carro?* Ele: *É do Pastor Marcos.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então você lembra que era do Pastor Marcos. Como é que no começo...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Como...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quer ver como você falou? Você falou assim — o relógio vai explodir também. Agora é tudo bomba nesta Comissão. (*Risos.*) Ah, meu Deus do céu! —... Você disse assim: *Ouvi dizer que o carro era do Pastor Marcos.*

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Então? Foi porque...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não ouviu dizer.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele comen...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele disse pra você que o carro era do Pastor Marcos.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, mas primeiro ele comentou com esse rapaz.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, ele disse pro Djalma? Conta aí como é que foi a conversa pra gente. Finge que você está num filme. Você está contando a novela das 8 pra mim. Conta a novela das 8 para mim.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque foi assim: na hora em que eu saí, que eu entrei no carro — ele até estava tomando café na casa da tia dele, a tia dele levou café pra eles dois —, aí eu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, vocês pararam pra tomar café — você, o Djalma e ele — na casa da tia dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não! A tia dele estava saindo pra ir para a igreja e ofereceu café, café preto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está, mas onde isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela pegou dentro de casa e levou pra eles no carro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, amor; onde, fisicamente?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No meu portão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, porque a tia dele mora no mesmo condomínio que você, no mesmo lugar que você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está. Aí ofereceu café para ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ofereceu. Aí, ele pegou, falou assim: Ah, não-sei-o-quê, esse carro aqui eu peguei com o Pastor Marcos. Ele falou: *Eu peguei com o Pastor Marcos*. Depois eu perguntei: de quem é esse carro?

(Intervenção inaudível.)

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu moro em Campo Grande.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em outro bairro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, a casa é de quem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Da minha mãe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Da tua mãe? Ela quem comprou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela que comprou?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela trabalha com o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela é doméstica.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela é doméstica e comprou a casa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando pagou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Doze mil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Doze mil. Ela te perguntou uma coisa...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque comprou ela e minha tia. Ela deu metade e a minha tia deu metade. Que a minha tia também mora junto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que tipo de presente o Walter te dava?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele me dava ursos...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ursinho de pelúcia, gente.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Quando eu queria comprar alguma roupa, eu pedia dinheiro a ele, e ele me dava. Mas nada caro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ursinho de pelúcia.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nada de muito valor ele nunca me deu.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É? E por que é que ele não te deu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí eu não sei por que é que ele nunca me deu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque, pra quem tem um Passat novo... Tem dinheiro, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E eu também nunca fui muito de pedir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu pedia a ele quando? Eu pedia à minha mãe, ela dizia que não tinha, aí eu ia e pedia a ele, pelo fato de a minha mãe não ter.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Entendi. Claro.

Me diz uma coisa: você estava contando que a tia, então, pediu pra tomar café, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, ofereceu café pra eles.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ou, ofereceu café preto, no portão lá da tua casa, lá na Estrada da Posse.



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É. Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A tia dele ou a tua tia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A tia dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A tia dele também mora lá.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está. Foi aí que vocês se conheceram, provavelmente?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí, deu café. E quem estava? Você, o Djalma e ele tomando café?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Só tomaram café ele e o Djalma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas você estava junto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu estava, dentro do carro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, então eles desceram do carro pra...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós já estávamos saindo...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hã, explica.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - ... aí a tia dele apareceu. Aí, ela ofereceu, perguntou: *Quer café?* Aí ele falou: *Ah, tia, me dá um pouquinho de café.* Aí ela pegou o café... Ela estava fazendo o café ainda. Ele falou assim: *Ah, tia, então, deixa, não precisa, não.* Ela: *Não, calma aí, que eu já estou pegando.* Pegou o café, deu café pra ele e deu café pro Djalma. Mas nós já estávamos...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o Djalma, então, desceu? Desceu do Carro.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Os 2 tomaram café dentro do carro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, dentro do carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi, porque ela deu pela janela do carro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, ela deu pela janela do carro.

Então, você viu... Bom, aí, tomaram café. E foram embora. Pararam pra comer, para tomar outro café da manhã, ou ficou só no cafezinho?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Paramos pra tomar outro café da manhã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí, sentaram como: você, o Djalma e ele?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, só eu e ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o Djalma, não comeu, coitado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sentou atrás.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na mesa atrás?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É. Eu perguntei, eu falei assim: *Ué, por que ele não vai sentar aqui?* Eu falei: *senta aqui*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso. E aí...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí, ele falou assim: *Não, vou sentar aqui porque eu vou ver televisão. Daqui estou vendo a televisão melhor.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está. Aí, na hora do almoço, como é que foi?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi a mesma coisa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também sentou pra ver televisão.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sentamos eu e o Walter, e ele sentou... Disse que... Eu falei assim: *Ué, por que ele não vai sentar aqui? Manda ele sentar aqui, estamos os três.* Aí, o Walter virou e falou assim: *Pô, senta aqui, pô! Por que tu tá sentado longe?* Aí ele falou: *Não, não, vou ficar aqui mesmo. Aqui eu estou vendo televisão. Daqui dá pra mim ver melhor a televisão.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, olha só, me diz uma coisa: você nunca tinha visto esse Djalma?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nunca tinha visto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E estava armado, você sabe? Viu alguma coisa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Walter?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o Djalma.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não vi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ele tinha, ele era fortão, parrudão, assim? Tinha cara de polícia ou tinha cara de magricela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tinha cara de... de mirrado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De mirradinho?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, cara... Ah! tinha cara normal...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Se você olhar pra aquele ali... olha pra cara dele, olha para a cara do outro: você vai ver que um é polícia e o outro não. (*Risos.*) Ah, então ele é mirradinho?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí, dentro do carro... Não acredito! Olha, você é uma menina... Você é uma menina, não é? Podia ser minha filha. É uma menina. Eu não acredito que você ficou 16 horas calada. É impossível ficar 16 horas...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Com o Djalma eu não conversei, eu conversei com o Walter.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, claro. Mas ninguém chegou pro Djalma e disse: *Ô, meu filho! Está aí? Está acordado, está dormindo?* Nenhuma palavra com o cara dentro do carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A única coisa que nós, que ele partici...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nem perguntou assim: *Tu és casado? Mora onde? Joga futebol?* Qualquer coisa.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eu não perguntei. A única coisa que, quando eu e o Walter estávamos conversando, que ele entrou na conversa, foi na questão de que, no dia anterior, era aniversário do irmãozinho do Walter, e o Walter falou: *Ah, meu irmão me cobrou o presente, eu não levei o presente dele, e eu queria comprar. Eu prometi pra ele que ia levar um saco de dinossauros* — porque ele adora dinossauros —, *prometi pra ele que iria levar um saco de dinossauros.* *Aonde será que eu consigo comprar um saco de dinossauros?*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o Djalma disse o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí, o Djalma falou assim: *Ué, ali na... — na Basílica —... em Aparecida.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em Aparecida.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele falou que ali tem um monte... Eu fui ali mas já foi há muito tempo. Eu era criança, nem lembro mais como é aquilo ali direito. Foi o único momento em que ele se intrometeu. E, quando parou pra consertar o pneu, o Walter estava muito cansado, estava com muito sono, ele virou e falou assim: *Ah, Djalma, vai lá, resolve o pneu lá. Enquanto você resolve, eu vou tirar um cochilo.* Foi só. Com o Djalma, só.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi a única fala que ele fez?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A viagem inteira? Comprar um saco de dinossauros em Aparecida e consertar o pneu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos lá. Então você nunca ouviu falar em nenhuma das pessoas que... dos trafi... nem Batata, nada disso? Olha só, porque isso é muito sério.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Em que, em que?... Assim: ouvir falar eu ouvi. Não da boca dele. Porque a minha vizinha, o pai dela mora lá também. Então, ela escuta os CDs. Porque tem CD.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - CD de que, meu amor?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - CD de *funk*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hã, o que é que tem o CD de *funk*?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí tem uns que falam, falam o nome, falam nomes. Aí eu escutava. Eu, que você falou Batata, eu lembrei por causa do CD que ela escutava.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então você só sabe desse Batata por causa do CD de *funk* da tua vizinha, que também mora... quer dizer, da tua vizinha, não. Ela é o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É minha vizinha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ela mora no Taquaral também?
Não pode!

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O pai dela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O pai dela também mora no Taquaral?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O pai dela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ela é tua vizinha, então você só sabe disso por causa do *funk*?

Olha só, se eu te dissesse: aqui tem uma conversa dele, do Walter, aqui, conversando com traficante, você se assustaria ou você acha isso normal? Você já esperava?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu me assustaria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então pode se assustar, porque a coisa não é pequena não, a coisa é feia. Deixa eu só ler um trechinho aqui, só pra você ver onde é que você se enfiou: Walter... Não, traficante: *Meu irmão, olha aí, o bagulho aqui tá esquisito. Liga lá pro cara. Deu uma m... aqui. Não sei o que está acontecendo aqui. Sumiu uma AK — fuzil —, meu irmão! Quê isso?!* O Traficante: *Sumiu, sumiu!* Aí, o Walter: *Esse bagulho é de responsabilidade, compadre.* O traficante: *Meu irmão, e aí? Não tô te entendendo nada, meu irmão! Liga lá pro cara, que o cara vai te resolver essa p...!* Não dá pra resolver isso, não. Ele tem que resolver... Aí, o Walter vai: *Esse bagulho é de responsabilidade, vai ser....* E aí, vai, vai, falando de munição, falando de tudo. Eu estou olhando pra você.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Me surpreende.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É melhor você não ficar tão surpresa, não. Você já ouviu falar... Qual é o apelido do Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Paraíso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tem mais apelido. Você nunca ouviu outro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ou chamavam ele de Waltinho ou Paraíso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Coroa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nunca ouvi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Comandantão?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nunca ouvi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando vocês saíam, vocês iam onde, além de namorar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós íamos à danceteria, à Girus. O nome da danceteria é Girus. E eu fui no...

(Não identificado) - Como é o nome da danceteria?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Girus.

(Não identificado) - Onde é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É em Campo Grande, mas... Oi?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na divisa, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É. É lá na estrada do Lameirão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Zona Oeste, Deputado.



(Não identificado) - O.k. Não sei onde é.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele é do Rio Grande do Sul. Vai, fala, querida.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E eu cheguei a ir num baile de Taquaral, lá da Taquaral.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você foi num baile da Taquaral. Mas assim, em um ano e meio de namoro, onde é que vocês costumavam ir? Onde é que vocês se encontravam?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele ia na minha casa, e nós...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Mas na hora de namorar, vocês saíam? Ficavam na tua casa? Não, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não... não... ia pro...

(Intervenção inaudível.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Mas além... vocês só faziam isso? Não.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês saíam, iam ao cinema, iam passear...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, íamos ao *shopping*...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na casa de algum amigo...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Íamos ao *shopping*. À casa de amigo...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca te apresentou amigo nenhum?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só os filhos.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só os filhos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Encontrava os filhos onde? No cinema, no *shopping*?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu ia ao *shopping* com os filhos dele; no baile, com os filhos dele eu ia. Nós ficávamos...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qual é a idade dos filhos, hein?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Júnior tem 18 e o Vítor tem 17.

(Não identificado) - Ia aonde, no baile?



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pro baile, com os filhos dele.

(Não identificado) - Qual é o baile?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Baile da Taquaral.

(Não identificado) - Baile da Taquaral. Baile *funk*?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Essa carta que você mandou pra ele — você até repetiu a frase, não é —, você disse que estava com ciúmes dele e tal. você estava com ciúmes dele, mas... O que quer dizer exatamente “ir pro morro”? Não é participar do esquema?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não coloquei nesse sentido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você colocou no sentido de ir ao morro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Coloquei no sentido de favela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas você também ia...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, mas era diferente. Eu ia...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, qual era a diferença? Tuias pra lá dançar *funk*, com os filhos dele e tudo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, mas ele estava junto... mas ele estava junto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então você também ia pra favela.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mas ele ia, ele ficava lá e eu não estava junto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ué, e aí? Ele ia lá ver o pai dele.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ué, mas eu queria ir ver o pai dele também.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E por que é que não ia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque ele não me levava.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por que você acha que ele não te levava?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Pelo fato de... da esposa dele, da Simone.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, a Simone ficava lá também?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Freqüentava a casa do pai dele.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E você acha que esse pessoal todo ele encontrava onde, o pessoal do tráfico?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, agora... Só poderia ser lá, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você acha? Será que tinha Simone mesmo ou eram os amigos do tráfico?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Pra mim, o fato de ir à casa do pai dele era pela Simone.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas e quando é que ele ia pro morro? Quando ele subia a Taquaral, ficava lá na Taquaral, que ele ia com os amigos de futebol, como você disse?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Como assim? Não entendi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Além de ir lá ver o pai, você falou que ele.. mais à frente, você falou que ele, de vez em quando, ia lá pro pessoal do futebol. Ele jogava futebol?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Jogava futebol.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E você conhecia esse pessoal do futebol? Por que é que você não ia no futebol ver ele jogar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, porque... ele ligava pra mim: - *Tô indo pro futebol.* - *Está bom..* Porque, assim, eu não gostava que ele me privasse de sair com as minhas amigas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro que não.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não gostava. Mas eu gostava de privar ele de sair com os amigos dele, entendeu? Porque, assim, eu achava que os amigos dele eram muito mulherengos. E achava que se os amigos ficassem com outras mulheres com certeza ele iria ficar.

(Intervenção inaudível.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro, pode entrar.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Taís, qual a sua idade?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Dezoito anos.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E qual o teu grau de instrução?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Terceiro ano.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Então, você tem... Qual é o teu grau de instrução?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Terceiro ano.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Terceiro ano? Você, pelo que eu vejo, é uma garota muito vivida, muito inteligente. Talvez até uma inteligência voltada pro mal, entendeu? Você talvez já tenha até se perdido aí no caminho do mal, mas muita presença de espírito, e está assim nessa conversinha mole, entendeu? Eu estou observando esse seu jeitinho. Na verdade, eu quero só fazer uma observação pra Deputada Laura, no sentido que, pra mim, a impressão que eu tenho é que você é envolvida até a alma com esse cara não só na questão amorosa, mas envolvida também no tráfico, no tráfico de arma. Você sabe tudo, você tem inteligência suficiente pra entender o que se passa à volta.

Eu só quero te alertar pra você levar esse interrogatório de forma mais séria. Não pense que você vai ficar aqui enganando as pessoas não, tá? É essa a impressão que eu tenho de você: pra mim, você é envolvida até a alma com ele, sabe tudo e deve pagar por isso. O seu lugar deve ser na cadeia. Esse deve ser o seu destino, embora você já esteja, talvez, até preparada, com a cabecinha feita pra isso. O seu jeitinho é todo típico de quem deve exatamente ser levada pra esse lugar, em razão do seu envolvimento. Então, é só pra te deixar... fazer essa observação. A gente está olhando você aqui, vendo a sua atitude, seu arzinho cínico, levando um sorrisinho nos lábios, entendeu, como se nada tivesse... você não me engana, não. Nem um pouquinho.

É só essa a observação, mas depois eu vou te fazer umas perguntinhas, pra ver se te boto mais na parede, está bom?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Está bom.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está liberado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está. Depois eu volto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Taís...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA quem é o seu advogado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Se eu tenho advogado?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tenho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A Viviane.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dra. Viviane? De onde ela é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela é do Rio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que tu fizeste pra contratar ela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela é a prima dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Prima dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tua advogada é a mesma advogada dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem conversado com ela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi?!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem conversado com ela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Conversei com ela ontem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ontem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ontem, que ela foi lá falar comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela é também advogada do Paraíso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora Viviane?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já conhecia ela ou não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi ele que contratou a advogada pra ti?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi. Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você só encontrou com ela ontem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eu já falei com ela três... três vezes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com ele tu conversaste alguma vez depois que tu foste presa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, conversava... eu na minha cela e ele lá na dele.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas tinham um contato, assim?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Contato...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conseguiu conversar? A cela era próxima da outra?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É próxima, é próxima. Mas conversa sobre o que aconteceu, não. O que nós conversávamos era porque eu não estava bem, eu não estava comendo, e ele perguntava se eu estava bem. Eu, no primeiro dia, eu chorei bastante e aí ele falou que ia me pedir perdão pro resto da vida, por ter, por isso ter acontecido; que realmente eu não tinha culpa de nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele, além de ti, tinha outras namoradas, assim também, ou não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Porque, pelo que a gente pôde perceber, cada semana, cada mês que ele ia lá, ele ia com uma diferente. Tu, foi a primeira vez que foste?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu, foi a primeira vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essas outras moças que costumavam ir com ele, quem são?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que jeito que é a Simone?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não conheço a Simone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só de nome?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só de nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu freqüentas alguma religião?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu sou católica.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece o Pastor Marcos?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E esse baile *funk* da Taquaral...

Taquaral, não é?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem são os traficantes que mandam lá no Taquaral?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Quem manda eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que... quais são os que têm lá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quais são os que têm na região?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não sei. O nome deles eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem traficante lá na...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ter tem, mas eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E lá no baile, quem é que manda lá nesse baile?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Olha, quem manda eu não sei, porque eu só fui 3 vezes nesse baile. Foram as únicas 3 vezes que eu fui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está certo. Conhece o Derico?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. De-ri-co?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não? O Robinho Pinga?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nem de nome? Nunca ouviu falar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - De nome. De nome, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Batata?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Conheci de nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É? Quanto que ganha por mês o Paraíso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No Bombeiro?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É, no Bombeiro.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu acho, não tenho certeza não, mas acho que ganha uns 3 a 4 mil.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E tu, nesse período todo que estiveste com ele, então nunca desconfiaste que ele pudesse estar envolvido em uma...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No tráfico?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qualquer coisa diferente da atividade dele de bombeiro.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Que ele não, pra mim, ele não demonstrava nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Essa carta que tu mandaste pra ele, como é que era a relação de vocês? Uma relação conflituosa, com agressão física?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, com agressão física não. A parte da carta que está escrita aí em agressão é pelo fato de, uma vez, eu estava num baile com o filho dele, brincando, dançando, e foi uma menina falar com ele. Só que eu estava chegando perto. Eu estava indo em direção a ele, e eu vi que a menina deu um beijo nele. E eu não gostei. Acho que ninguém iria gostar. E eu fui pra cima dele, pra bater nele. Eu bati nele. E ele, pra não me bater, ele me empurrou. Como eu estava de salto alto, meu pé torceu e eu caí sentada no chão. Mas em nenhum momento ele me bateu. Ele me empurrou já pra não vir a me agredir. Porque, geralmente, nas vezes em que nós discutimos, ele não fala; ele só fica calado. Ele só escuta, ele não fala nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu achas normal um oficial, tenente-coronel bombeiro, freqüentar um baile *funk* na favela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Assim, achar normal, no caso dele, eu acho, porque foi o lugar onde ele nasceu, onde ele morava.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Policial Militar que quiser participar do baile *funk* da favela controlada por traficante participa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um Policial Militar que quiser participar de um baile *funk* na favela, que é controlada por traficante, vai lá e participa? Qualquer um entra?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, qualquer um entra.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É liberado o acesso pros policiais militares?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É liberado pra qualquer um.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É? Eles não ficam chateados em ir policial lá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Uai, que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já que você está no *funk*, deixa só eu perguntar uma coisa. Você nunca ouviu *funk* do Batata lá no Taquaral, não, só na casa da tua vizinha?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Na casa da minha vizinha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas no Taquaral, vamos dizer, na área mesmo, nunca ouviu o *funk* do Batata?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não ouvi falar de Batata não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nem o *funk*, lá no Taquaral?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, toca *funk*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro que toca *funk*! Se é baile *funk*, só pode tocar *funk*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu já viste viu algum outro Policial Militar no *funk* do Taquaral?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu já viu algum outro oficial lá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Único Policial Militar bombeiro que freqüentava.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, só.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E tinha... Conhecia o pessoal?
Acesso tranquilo? Ninguém complicava com ele? Ele ia fardado?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ia de roupa normal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas e o pessoal, conhecia ele?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ué, os pessoais dali da comunidade conheciam ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ahã. E tu não sabes quem é que manda lá no Taquaral?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não sei quem manda. Eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está bom.

(Intervenção inaudível.)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É esperar o Coronel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho umas dúvidas aí. O Djalma... É Djalma o cara que foi com vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Diz uma coisa: ele pagou mil reais pra ele mais a gasolina que ele gastou, é isso? Porque senão não tinha muita vantagem, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - As despesas, quem pagou, o Walter falou pra mim que foi ele, o... Djalma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pagou a gasolina, o hotel...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso. Tudo foi o Djalma que pagou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E mais mil "paus", e mais mil reais.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Djalma é louco? Babava, coisa assim?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não sei. Creio eu que não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não babava? Porque tinha que babar, porque uma passagem de ida e volta pra Foz, mais cara, de avião, é 700 reais. Ele paga mil e mais toda despesa da viagem pra ir de carro...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem pagou o jantar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, tudo foi ele. Ele custeou tudo, inclusive a hospedagem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Jantar, café da manhã, tudo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, ele deve ser débil mental, não é, ou algo parecido.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só tem essa explicação. Por que quem é que vai arrumar um programa desse? Vou pagar mil reais...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Djalma ela está dizendo que pagou?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É! Mas o Djalma pagou tudo isso. Pra que ele ia gastar mais de 2 mil numa viagem de carro se por 700 ele ia e voltava de avião. Se fosse só ida era 350. Ele gastava 350 reais pra ir do Rio a Foz, de avião. Mandei checar agora a passagem. Trezentos e cinqüenta reais pra ir do Rio a Foz. E ele nem voltou com vocês, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só foi!

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, o cara gasta 2 mil reais pra ir de carro, podendo pegar um avião, chegar com muito mais tranquilidade, muito mais segurança. Uma hora e meia de viagem. Quer dizer, tem que ser doido. Devia estar babando no banco de trás ali, porque senão é complicado. Não achas, Taís? Veja, quando a gente começa a inventar estória o negócio é complicado pra caramba. É complicado. A não ser que o Djalma fosse o intermediário do armamento, o cara que ia dar segurança, com o Walter carregando o dinheiro do Rio pra Foz. Ele ia de segurança, e depois, pra não se comprometer... Provavelmente, o Djalma estava andando atrás de vocês e "pinotou" quando viu que o Walter foi preso na barreira. Porque essa é a única explicação, Taís. Não tem ninguém louco o suficiente pra pedir pra alguém levá-lo a Foz se em uma hora e meia de voo ele está em Foz do Iguaçu, pagando 350 reais. Ele vai gastar 2 mil reais pra ir a Foz?... Está na cara: o Djalma... Aliás, o Djalma, no primeiro depoimento teu, tu omitiste ele. Tu não falavas dele.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não. Eu omite no primeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não falou, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora tu já estás falando. Depois de falar com o advogado, tu já estás falando do Djalma. Mas deve ser um



cara doido de pedra! Doido de pedra, que gosta de rascar dinheiro, porque não tem outra razão.

Vamos pensar um pouquinho, eu e tu aqui. Se eu posso pegar 350 reais, ir ali no Galeão, vou de avião, com a maior tranqüilidade, sem problema, sem nada, e em uma hora e meia estou em Foz do Iguaçu, qual é a razão que eu vou pagar mais dois...? Porque, pelo jeito, era 650 de gasto na ida, 650 na volta, mais o hotel... O cara ia gastar quase 3 mil reais. Quer dizer, quase 10 vezes mais do que ele gastaria de avião. Quer dizer, veja que não tem, não bate. Se alguém te inventou essa estória, o cara também é meio doido, porque ninguém consegue acreditar nisso. Quer dizer, é uma estória inverídica. Vê que não tem como bater.

Eu sei que tu estás meio encurrala, porque, afinal de contas, quem é que está pagando o seu advogado? É o Walter!

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É ele, é ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, tu vais dizer que ele é o bicho-papão? Tu vais dizer que ele é o príncipe encantado, porque é ele que está te pagando, é ele que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu acho até que ela acha que ele é o príncipe encantado, porque não (*ininteligível.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E quero dizer mais: ele não é príncipe encantado não, ele está te usando. Tu estás de bobinha nessa história.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Estou acabando de crer nisso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Acaba mesmo. Agora pode crer, porque ele já foi mais duas vezes. Foi com uma morena de 30 anos. Não eras tu não. E está provado lá. Ele assinou inclusive a entrada nos hotéis lá de Foz.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É, isso é que é estranho, sabe? Que você falou pra mim que você tinha ficado no hotel Ilha de Capri, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, tu estás defendendo ele porque quer.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês ficaram num hotel em Vila Porte. Sabe por quê? Porque no Vila de Capri ele já tinha ido antes...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Ilha de Capri.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO -..; e tem o registro dele. Quer ver, pra você não achar que a gente está aqui... Só pra mostrar pra você que pra nós...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está assinado, no dia 18 de...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No dia 18 ele foi lá. Me dá o...
Está aqui, ó. Então, se fosse lá no Ilha de Capri estava aqui, ó. Está vendo? Mas
olha o dia: 18 de abril. Então, ele já tinha ido antes lá.

Agora, me explica só uma coisa. Por que é que antes, quando você depôs na Polícia
Federal... Olha só como você mentiu. Em algum momento você está mentindo. Eu
espero que estivesse mentindo lá do que mentindo aqui.

Por isso que eu até acho que você está enganada. Eles todos estão achando
que você é uma picareta, eu ainda não estou achando isso. Eu acho que você...
Claro, a advogada conversou com você 3 vezes, ontem conversou com você e
disse: *Ó, melhor você falar a mesma história, senão você vai dançar.* Só que aí é
que você vai dançar, se você ficar com a mesma história.

Então, por que é que você antes disse que não tinha Djalma e, de repente,
Djalma aparece na estória?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque eu fiquei com medo de ele fazer
alguma coisa comigo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas por que é que o Djalma ia
fazer alguma coisa com você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não sei, pelo fato de eu ter visto aquelas
munições ali. A primeira coisa que veio na minha cabeça é que eram dele, e eu
fiquei com medo de falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E por que é que você, no começo,
disse que a munição era do Walter e não do Djalma? No seu primeiro depoimento,
você disse que a munição era do Walter; depois, você mudou. No primeiro
depoimento, você falou que não tinha Djalma, depois você mudou.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Então, eu não falei do Djalma por medo.
Realmente, foi medo que eu estava. Eu estava com medo de ele fazer alguma coisa
comigo ou com minha família. Inclusive, até a minha mãe falou comigo. A minha
mãe conversou comigo. Minha mãe: *Poxa, agora eu não sei o que é que vai ser da
gente...*



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas, agora, no que é que a gente acredita? No teu primeiro depoimento, na emoção...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que retifique que a munição pertence realmente a Paraíso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu acredito nesse depoimento ou no que você está dando agora?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, agora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Acho que vou acreditar naquele, sabe por quê? Porque, para nós, daquilo que a gente ouviu do Walter, não tinha Djalma nenhum com vocês. E a munição era dele, porque não é a primeira vez. Eu estou de mostrando aqui ele conversando sobre arma.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso aí eu acredito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não tem nem como não acreditar, está aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso aí é monitoramento.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Monitoramento telefônico, gravação de polícia. Então, quero entender qual é a verdade. A munição era do Walter mesmo? Olha só, se você quiser conversar só com os Deputados você fala. Agora, não adianta Taís, se você pegar, por exemplo, o Deputado Josias ele vai te trucidar. Deputado Campos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No bom sentido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É não, no bom sentido. Entendeu? Eles vão tirar tua alma. Agora, você pode escolher não passar por isso. Como é que a gente escolhe não passar por isso? A gente pede o pessoal para sair, ficamos nós Deputados e você, você fala a verdade, abre teu bico, porque, de alguma maneira, a gente pode te ajudar sim. Se, ao contrário, você continuar com essas mentiras e com essas dúvidas que você está jogando, aí a gente mesmo vai ter que ferrar você, entendeu? No relatório, o Deputado Pimenta, na hora de escrever, não vai poder escrever pensando que você é uma menina de 18 anos que está envolvida nisso sabe Deus o porquê.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vai ser membro da quadrilha.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você vai ser membro da quadrilha. Olha só, outra coisa, nós todos já fomos a um baile funk. Quer dizer, eu nunca fui não, mas eu sei que existe, já vi, não é? Não entra armado em baile funk nem aqui nem na China, a não ser que você tenha conluio com os traficantes. Então, você não entra armada num baile funk. Não tem traficante que deixa você entrar armado. O Tim mesmo dançou por isso, porque foi filmar de longe...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É o seguinte: já caiu tudo. Quer dizer, tá na cara, sabemos o hotel que o Walter ficou, às vezes que foi, de fevereiro para cá, no mínimo 3 vezes ele foi para Foz do Iguaçu. Sabemos o hotel, sabemos o quarto do hotel, sabemos tudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Outra coisa que você...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sabemos quem acompanhou, sabemos onde ele sentou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais um monte de coisa errada. Você, no seu primeiro depoimento, disse que ele não era casado, você não sabia que ele era casado. Aqui quando eu te perguntei...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No primeiro?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É num depoimento lá, o primeiro lá na PF.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, mas lá eu falei sim que eu sabia que ele era casado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas com a Simone ou com as mães do filho deles? É a mesma pessoa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Com a Simone.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Simone é mãe dos filhos dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, não é mãe dos filhos dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não? Quem é a mãe dos filhos dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não conhece?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Simone já é a segunda mulher?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ela era da onde? De Taquaral?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela morava no mesmo apartamento que ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, antes de casar com ele.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você sabe há quanto tempo ela está com ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Há 14 anos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a mãe dos filhos dele está onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não conheço a mãe dos filhos dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha só, Taís, você que sabe, se você quiser eu passo a palavra, vai começar aí. Ou se você quiser, você começa a falar um pouquinho para gente poder confiar em você, porque até agora, quando a gente fala uma coisa tem que bater. E aí você fala, você deu um depoimento, quando o advogado foi falar com você, você já mudou um pouquinho. E assim vai. A advogada, é claro, te muniu, mas não para te defender, companheira, para defender o Walter, que é o primo dela. Era melhor você pegar um defensor público do que usar o advogado dele, porque você vai dançar junto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E, daqui a pouco, quem vai ser dono dessa bala vai ser você.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Deputado, me permite?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está inscrito, tem uma ficha de inscrição sim. O Deputado Luiz Couto está na frente, e logo depois é V.Exa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pensa bem, querida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Taís, você disse que saiu de frente da casa da sua tia, não foi, quando foi viajar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - De frente do meu portão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, o seu Walter, quando aqui esteve, disse que combinou com o seu Djalma para encontrar na esquina da Taquaral com o Engenho. Foi lá nesse local que vocês saíram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, saí do meu portão.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do seu portão. Então, a primeira contradição aqui na afirmação do seu Walter que disse que foi aí. Taís, você disse que sua mãe... era comum você viajar com o Walter para outros locais?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque você disse: "Não disse para a mãe o destino certo." E outras vezes que você saía com o Walter, você dizia para onde ia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Falava. Eu só não falei para ela, porque eu sabia que ela não ia deixar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E para onde era que você saía com o Walter, além do baile?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era por ali mesmo, era em shopping, era no Habbib's, no McDonald's, era na Girus, era nesses lugares.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você nunca fez uma viagem mais longa com o Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, nunca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para outra cidade?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nunca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Até por que minha mãe não deixava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não deixava. Você conhecia o rapaz que estava junto de vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não te apresentou quando... Normalmente alguém chega num estranho, aí o Walter diz: Esse aqui é o Djalma.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não me apresentou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não disse nada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, durante todo o tempo, o Walter, que pagou mil reais para o Walter e mais as despesas todas, não disse uma palavra? Era um homem calado? Não falou nadinha?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só falou com relação ao brinquedo, foi na hora que nós estávamos discutindo eu e ele.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Brinquedo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É do irmãozinho dele, que era aniversário dele e ele tinha que comprar o presente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí, o Djalma falou: *Compra ali em Aparecida. Ali que vende essas coisas.*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas na ida, esse Walter ficou calado o tempo todo, não comia com vocês? Ficava...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Walter não, o Djalma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, o Djalma, Djalma.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ficava distante.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, uma pessoa estranha que não falava nada. Aí você não estranhou o fato de ele, durante toda a caminhada não...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ué, eu perguntei a ele por que ele ficava distante. Ele falou pelo fato que ele queria ver televisão. Ele sentava sozinho. Na hora de tomar café, nós paramos para tomar um café, sentamos numa mesa, eu e o Walter, ele sentou em outra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Mas, durante a caminhada, Djalma falou alguma coisa para o Walter? "Walter, a gente está atrasado, a hora está marcada, se esse pneu furar vai atrasar o nosso negócio. A gente vai buscar muamba lá no Paraguai." Não falou nenhuma vez isso aí?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, não falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só falou de madrugada, quando ele falou que: "Poxa, estava marcado o nosso..." O previsto era para chegarmos uma hora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estava marcado o encontro com...?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, o previsto era para chegarmos em Foz do Iguaçu 1 hora, e acabamos chegando às 4 e meia, 5 horas da manhã.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei. Mas aí o seguinte: você chega, sai do Rio de Janeiro que horas?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era umas 7 e meia por aí, 7h, 7 e meia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, o Walter disse que às 5h da manhã, às 4, 5 e meia, 5h eles se encontraram na esquina para viajar. Então, a



primeira contradição é que ela disse que Walter a pegou na casa da tia, em frente à casa da tia. Segundo...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É porque eu moro num corredor, e a casa da tia dele é do lado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Mas é numa esquina da Taquaral com Engenho?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, eu moro na Estrada da Posse.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É distante.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Distante?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É distante de lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele já chegou para te pegar, o Djalma já estava junto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já estava junto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já estava junto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Com o Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você chegou lá em Foz do Iguaçu que horas mais ou menos?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Umas 4 e meia, 5h da manhã.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do outro dia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Numa segunda-feira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na segunda-feira?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós saímos num domingo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Saiu domingo. E, durante essa ida de vocês, vocês pararam em algum lugar para dormir, para comer? Quantas paradas vocês fizeram durante a ida do Rio de Janeiro para Foz do Iguaçu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Paramos para tomar café, paramos para tomar café, paramos para almoçar, paramos para trocar o pneu, que foi o próprio Walter e o Djalma que trocaram a primeira vez. falar para Depois continuamos a viagem, paramos para jantar, foi a hora que paramos para jantar, eram umas 9 e



meia. Foi até a hora que eu liguei para minha mãe para falar para ela que eu não ia...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, você usou que telefone para falar com sua mãe?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O dele. O celular do Walter.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele tinha mais de um, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tinha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual foi que você ligou? Foi o normal que ele fala, que era usado apenas quando ele trabalhava como policial? E há outros telefones que ele usava?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O dele, eu liguei para a minha casa com o celular pessoal dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabe o número, não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, porque ele trocou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Normalmente, você usava o telefone de Walter para se comunicar também com outras pessoas?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só usou essa vez?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só usei essa vez, para ligar para minha mãe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual era a marca do celular, você não sabe dizer, não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Acho que é um kyocera, kyocera.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando você chegou ao hotel, vocês logo foram para o quarto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Logo subimos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Logo subimos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A informação é que vocês tiveram que esperar durante 20 minutos e que as pessoas que estavam investigando viram que vocês ficaram lá esperando, enquanto o quarto de vocês seria arrumado. Você disse que subiu logo?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Subimos... Assim que saímos da garagem, entramos na recepção...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a garagem que Walter estava com o carro, que foi emprestado pelo pastor... Mas ele não tinha um carro, o Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E por que ele não foi no carro dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu perguntei: "Por que você não veio no seu carro?" Aí ele falou: "Eu até queria, mas meu carro..."

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O carro ainda estava com ele, o carro dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O carro dele...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estava com ele, naquela época? Naquele momento, o carro ainda estava com ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Qual?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O carro em que ele não foi. Ele tinha um carro...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tem um carro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. O Walter chega aqui e diz que esse carro, ele já tinha repassado para um sargento do Exército. Ou seja, o carro estava com ele, certo? E ele não usou o carro por quê? Aí ele chega lá e diz "Vamos no carro do pastor", "Vou deixar meu carro aqui", quando o Djalma paga para ele mil reais e mais a despesa, e ele não usa o carro? Você tinha já andado no carro dele mesmo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Do Walter?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não estranhou quando chegou o outro carro? Perguntou: Por que não veio no teu carro? De quem é esse carro? Você perguntou logo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, não perguntei logo. Ele primeiro falou alguma coisa lá com o Djalma, que eu não entendi. Ele falou...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele falou algo para o Djalma que você não entendeu?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não entendi, porque era na hora em que eu estava entrando dentro do carro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deixa eu fazer uma pergunta, Deputado?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês viajaram domingo, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Domingo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes de domingo, qual era o último dia que tu tinhas falado com ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi numa quarta-feira, numa terça ou numa quarta, que ele saiu da faculdade e passou na minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Naquela semana mesmo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Passou na tua casa. Em que carro ele estava?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No Passat?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E vocês saíram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ele só passou para falar comigo, me deu um beijo e foi embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não comentou nada contigo que ia viajar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Te avisou de última hora da viagem? E que mais tinha no carro? O que tu levastes? Não tomou banho? Não levou roupa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu levei... Ele falou para mim: "Como é rápido, não precisa levar muita roupa. Leva só uma roupa para você dormir."

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu levei roupa só para dormir, levei um casaco, esse daqui...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele não levou nada.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nada. Só a roupa do quartel, que ele...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A farda?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É, só a farda.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que ele levou a farda?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque ele falou para mim que ia me deixar em casa e iria direto para o quartel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Só para eu entender, esse hotel em que vocês chegaram, vocês chegaram... A garagem do hotel era onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Entrava pelo lado do hotel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era coberta, era ao ar livre? Onde o carro ficava estacionado? Era um estacionamento ou era uma garagem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era mais para um estacionamento, porque tinha telha, era de telha...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Aí o Djalma estava junto? Na chegada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Quando nós fomos estacionar?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, exatamente.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ele já tinha entrado no hotel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, vocês chegaram. Aí o Djalma desceu? O que aconteceu quando vocês chegaram ao hotel?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma desceu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes de vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Desceu, porque ele entrou na recepção, e nós fomos estacionar o carro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Aí vocês desceram...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Descemos...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que o Djalma... Aí, o que vocês fizeram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma entregou a chave do quarto...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Djalma que tratou, na portaria, o quarto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi, foi ele.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Aí, deu a chave para vocês...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Deu a chave do quarto...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós subimos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Djalma ficou na portaria? Subiu também?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ficou, mas... Ficou na portaria.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele pegou um quarto para ele...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Pegou, mas nós subimos...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele pegou um quarto para ele e um quarto para vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Pegou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele pegou 2 quartos?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Pegou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu vistes ele pegar os 2 quartos?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Vi ele com as duas chaves na mão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com as duas chaves na mão. Aí, vocês foram para o quarto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós fomos para um quarto, só que estava chovendo, e o quarto estava todo molhado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E o Djalma?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma já tinha ido para o quarto dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele foi para o quarto dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tinha ido para o quarto dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O carro?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A chave do carro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma falou para o Walter que teria que ficar na recepção.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A chave do carro ficou na recepção. Aí, vocês dormiram. O Djalma foi dormir também? Tu vistes ele ir para o quarto?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu vi ele indo para o quarto, porque...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele tinha mala?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma? Tinha uma mochila.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha uma mochila.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, o Djalma foi para o quarto dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quatro e meia da manhã. Aí, que horas vocês accordaram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Duas e meia, três horas da tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da tarde. Desceram à recepção?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma estava lá embaixo. Aí, o Walter perguntou...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Djalma estava lá embaixo esperando?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Estava.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí, o Walter perguntou se já estava tudo certo para gente poder ir embora. Aí, nós viemos embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - "Tudo certo" quer dizer o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A diária.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A diária. Aí, deram tchau para o Djalma? Deu tchau para o Djalma?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele deu, eu não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não se despediu do Djalma?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a chave do carro, estava onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já estava na mão do Walter.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem deu a chave para ele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Djalma? Então, a chave não estava na recepção?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Quando nós entramos no hotel... Nós saímos pela garagem, entramos no hotel, o Djalma já estava com as chaves do quarto na mão e entregou a chave para o Walter. Mas, como o Walter estava muito



cansado, ele já estava subindo com tudo, com chave do carro, com celular, estava subindo com tudo. O Djalma virou para ele e falou: "Tem que deixar a chave do carro na recepção". Aí o Walter pegou, deu a chave na mão dele e falou assim: "Entrega aí que eu estou cansado e vou subir".

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto. Quando vocês saíram, o carro estava estacionado onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No mesmo lugar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No mesmo lugar onde vocês deixaram?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No mesmo lugar onde nós deixamos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Djalma, tu só vistes ele na hora de ir embora?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só na hora de ir embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele não ligou para o Walter, não tocou no quarto, não acordou o Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Em nenhum momento eu escutei o telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Walter ligou alguma vez do celular durante a viagem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ligou, mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para quem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ligou para Simone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para Simone?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Para Simone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Djalma tinha telefone?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Que eu tenha... Eu não vi ele com telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tocou nenhuma vez?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele não usou o celular do Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não vi, eu não vi. Se usou, usou na hora em que eles foram ao banheiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, vocês foram embora, e o Djalma ficou no hotel?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ficou, o Djalma ficou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que ele foi embora?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não sei. Eu perguntei ao Walter, e ele falou assim: "Ah, para ele voltar, ele se vira. Ele só pediu para eu trazê-lo até aqui. Para voltar, ele se vira."

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só que Walter diz que ele foi lá com o Djalma para comprar umas muambas no Paraguai e trazer. Como é que...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu acho, viu, Couto, que nós tínhamos que trazer o Walter para cá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro, fazer acareação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Trazer o Walter e deixar ela sentadinha aí. Botar o Walter sentado do lado dela. Vamos conversar com o Walter primeiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E identificar esse Djalma, para que seja convocado também. Acho que a polícia vai ter que trazer esse Walter...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos deixar ela sentada aí, não é, Presidente?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu pergunto ainda: você foi alguma vez à Baixada Fluminense? Esteve alguma vez em Duque de Caxias?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Com o Walter?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca esteve?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nunca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você falou que Walter logo subiu. E a chave do carro, ele deixou lá...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma falou para ele que a chave teria que ficar na recepção.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Recepção?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso. Como ele estava muito cansado, nós já estávamos subindo a escada, o Walter entregou a chave na mão do Djalma e falou: "Entrega lá."



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E o carro se encontrava no mesmo local?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No mesmo local.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na mesma posição?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Na mesma posição.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como o Walter deixou. No depoimento, inicialmente, antes de prestar o depoimento, quando a polícia prendeu na barreira, vinham você e Walter. Walter vinha com a farda da Polícia Militar, vinha vestido com a farda?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Vestido? Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas você disse que ele só, só, só levou...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Que estava com a farda no banco de trás do carro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas você falou que a única, a única peça de roupa que ele tinha era a farda.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A farda dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como é que ele estava se ele só tinha essa peça? Como é que ele estava vestido?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele estava com uma camisa e com uma bermuda e uma sandália.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E comprou lá no Paraguai ou em Foz do Iguaçu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ele saiu assim, só com a roupa do corpo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, de onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Do Rio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do Rio?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Do Rio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque você falou no outro depoimento que ele, ele ia com a farda. Ele diz o seguinte, ele diz uma coisa que aí você tem... que além das outras, que a Deputada Laura Carneiro já colocou aí, que ele já estivera lá outra vez e com uma outra pessoa que não era você, parece que ele era acostumado a levar sempre alguém do vínculo dele. Ele diz, antes de prestar o



depoimento, depois ele retifica, mas ele diz que as munições pertenciam a sua acompanhante. Você. Você. Ele chega, o cara que você diz que tem toda relação de amor, que ama profundamente, que respeita, aí ele chega para o policial e diz: "Olha, não é minha não. Eu não quero estragar a minha carreira". E como ele não queria estragar a carreira dele, ele diz: "Olha, as munições são da minha acompanhante, da Taís". O quê que você diz disso? Na realidade, ele assegura de que aquelas armas que ele trazia, que foram conseguidas, agora, nesse momento ele diz: "Não, não me pertencem, não. Eu não quero estragar minha carreira como militar. Eu vou agora... ". Ele combinou com você para dizer que as armas pertenciam a você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, porque assim que nos pegaram lá no barracão...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E essas armas pertenciam a você mesma, essa munição?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A mim não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E ele diz aqui, depois, no outro momento, ele retifica isso aqui, mas inicialmente, na conversa com os agentes da Polícia que prenderam, é de que você era a dona daquela munição.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deixa eu fazer uma pergunta.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu tens certeza que é a Ilha de Capri que tu estavas?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ilha de Capri.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tens certeza disso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Tenho certeza.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que tu tens certeza disso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque eu lembro, eu lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lembra do quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu lembro do hotel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então me diz.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E ele, como nós estávamos chegando, eu estava dormindo e ele me acordou, falou: "Chegamos".



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E por que é que você, em seu depoimento, diz que não se recorda do nome do estabelecimento em que você ficou?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque eu queria falar só em juízo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, mas eu quero saber o seguinte.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas só em juízo, mas não dizer nem o estabelecimento que você ficou? Não tinha nada a ver isso aqui, de mostrar. Você estava em Foz do Iguaçu e diz: "Não me recordo do nome do estabelecimento". Quer dizer, uma pessoa vai para um hotel, fica lá no quarto com outra pessoa e depois, quando perguntado, diz: "Eu não me recordo de onde é que fiquei".

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu já estás bem enrolada, tu vais te enrolar por falso testemunho, tu vais piorar mais ainda a tua situação. Quer dizer, não tem porque mentir com relação a algumas coisas que são básicas. Tu és uma guria bem informada, todo mundo está vendo aqui que tu não és boba, só falas em juízo, conheces teus direitos. Tu és novinha, 18 anos, mas tu já és, tens corrida. O Hotel Ilha de Capri é um hotel bom. Bom hotel, hotel que tem regras, ninguém entra lá sem preencher ficha. Não tem ficha nenhuma de vocês lá. Não consta hospedagem de vocês nesse hotel.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mas foi o hotel em que nós ficamos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só para tu teres uma idéia, no Hotel Ilha de Capri os hóspedes não deixam chave na portaria.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Mas foi o que o Djalma falou para o Walter.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então me dá uma característica, então, interna desse hotel, me diz uma coisa que tu lembras do hotel.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele era na subida, tipo que uns quadrados, e tinha um vaso no meio, no chão. Tinha um vaso, uma planta, que do alto...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tinha elevador?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Oi?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tinha elevador?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não reparei, porque nós subimos pela escada.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja. Você, quando estava prestando o depoimento na Polícia, chegou um momento em que você parou e disse assim:

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um hall com uma planta...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... "Eu não consigo mentir." Você estava mentindo antes?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E por que você disse que não conseguia mentir?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Porque na hora me veio tudo à cabeça. E pelo fato de...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - "Veio tudo à cabeça." Mas o que veio à sua cabeça? Tudo o quê? Que estava fazendo uma atividade...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Me veio a minha vida toda..., toda enrolada, minha vida toda enrolada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu falei para mim: "Pô, eu não tenho nada na vida." Eu não tenho nada. Eu só estudo. Dependendo dos meus pais. A vida dele é formada; ele tem uma farda...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

Na barreira onde você e o Walter..., o carro que vocês vinham foi parado, qual foi a sua reação? Ficou assustada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu fiquei assustada na hora em que eu vi as munições.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É? E na hora em que a Polícia lá pára você não sentiu..., não ficou assustada, não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, porque ele foi normal, tranquilo. Ele não demonstrou..., não esboçou nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, Taís, mais uma vez você não está dizendo a verdade porque no seu depoimento você disse que não se assustou naquele momento. Você disse...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Me assustei no momento em que eu vi as munições.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas você disse que não se assustou. Então, ou você era muito frio e, na barreira, não...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Até porque quando pararam o carro, pediram para ele sair do carro, ele saiu. Pediram para ele abrir a mala, ele abriu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi na hora em que o policial viu as munições e pediu para que ele colocasse o carro mais à frente. Ele entrou no carro, eu perguntei: "Que que houve?" Ele não falou nada. Aí o policial foi, abriu a mala novamente e foi revistar o carro. Eu estava... Em nenhum momento eu tinha saído do carro porque, para mim, não tinha nada. Em nenhum momento eu saí do carro. E o policial virou para mim e pediu para eu poder sair do carro, para poder revistar o carro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você, quando...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Aí foi na hora em que eu vi o que era. Foi na hora em que eu saí do carro e vi que eram munições.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o que você viu lá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu vi um monte de...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - ... de munições enroladas num papel. Eu só vi que era munição porque um policial cortou e amostrou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Outra coisa. Permita-me, Deputado?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Quando prenderam a munição, prenderam os telefones e uma carteira também, do Walter, não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Hum, hum. Prenderam.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E aí mostraram as coisas que estavam na carteira, tudo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Se mostraram para mim?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É. Você viu eles mexendo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, não vi. Não vi porque eu fiquei em sala diferente. Eu fiquei algemada, em sala diferente.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ficou algemada; em sala diferente.



Diga-me uma coisa. Como é o nome do rapaz que foi com vocês?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Djalma.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Djalma. Diga-me uma coisa. O Djalma chegou com vocês ao hotel às 4 e pouco?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Chegou.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Aí pegou um quarto junto com vocês, é isso? Não, eu digo, pegou um quarto para você...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E outro para ele.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - ... e outro para ele. Aí, na saída, no outro dia, vocês não foram com o Djalma, se despediram dele na saída, é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Você tem certeza de tudo isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi na hora em que nós viemos embora, porque... Como o nosso..., o primeiro quarto que nós pegamos estava com goteiras em cima da cama, no chão, nós trocamos de quarto e o quarto que nós pegamos ficou de frente para o dele.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ficou de frente para o dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ficou. E foi na hora em que nós fomos embora.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ah, porque aí ficou fácil de ele saber que vocês estavam saindo e ele saiu com vocês, também? Ou ele já estava lá embaixo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma já estava lá embaixo.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Já estava lá embaixo.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E foi na hora em que nós nos despedimos.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E foi nesse mesmo hotel?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No mesmo hotel.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Taís, quem está mentindo? É você ou o Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, eu estou falando a verdade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou os dois?



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Então, o Walter está mentindo? Porque olhe aqui o que ele disse: Chegou lá de madrugada num hotel que o senhor não sabe o nome. O Deputado Pimenta perguntou para ele. “É, 4 e pouco da manhã”, ele respondeu. Parou no hotel, deu tchau para o Djalma, não viu mais ele. Aí o Walter disse: “Não, ele me deu o dinheiro que gastei para ir e me deu mil reais.” E o senhor não saiu do hotel? É? E aí ele diz, na seqüência, aqui...Aí o senhor deixou ele onde? “A última vez que eu tive contato com ele foi quando eu estacionei o carro no hotel.” Aí o senhor estacionou o carro no hotel e nunca mais viu a figura? “Não”. Quer dizer, ele diz que quando chegou no hotel estacionou o carro e nunca mais viu ele. Tu disseste que vocês chegaram no hotel, botou...O Djalma ainda ficou num quarto de frente para vocês e se despediram na saída.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ainda ele disse: Está tudo certo, antes de ir embora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ainda disse que está tudo certo. Quer dizer, um dos dois está mentindo, porque a versão é totalmente diferente. Um diz que quando chegou no hotel deu tchau para o Djalma e não viu mais ele. Tu disseste que quando chegou no hotel o Djalma foi junto, ainda se alojou no quarto da frente de vocês e vocês deram tchau no outro, quando vocês foram embora.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi a última vez em que eu...

(Intervenções simultâneas ininteligíveis.)

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - ... o Djalma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer que o Walter aqui está mentindo, então?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Está.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está mentindo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você diz que viu munições. Era muito o número de munições que você viu?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Era.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estava onde?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu vi eles tirando da mala e colocando num saco.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas em que local da mala, estava debaixo do local onde o pneu fica ou como é que era o suporte?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eles levantaram o pneu e tiraram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí tiraram? Pois é. Aí, Sr. Presidente, tem um fato que chama a atenção, é de que esse carro deve passar por uma benção, porque o que furou de pneu não diz respeito, e depois não ajeitaram os pneus. Não sei como é que andaram, se compraram outros pneus, mas o fato é de que a munição foi encontrada no local, pneu vazio, muito mais facilidade de se colocar e ter muito mais munições colocadas. Eu pergunto para você, Taís: você diz que tem advogada, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dra. Viviane. Viviane de quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Viviane da Silva, eu acho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Da Silva...?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O resto eu não lembro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ela é prima do...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Do Walter.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do Walter. Você disse que ela esteve com você três vezes. Quando é que ela esteve com você? Logo quando você foi presa?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ontem...Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ontem ela esteve lá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ontem ela esteve lá para falar comigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí ela foi e disse: "Olha, Taís, você vai lá falar para a Comissão, mas você vai negar tudo, não vai..."

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, ela não falou, ela falou: "Você amanhã está indo depor na CPI e eu vou ver se consigo ir para lá também."

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E ela não veio? Não veio com você? Uma advogada que não te acompanha?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o que ela lhe orientou? Porque toda advogada orienta o cliente.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Me orientou a falar a verdade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Falar a verdade?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela falou para mim: "Fala a verdade."



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Uma verdade que ela ensinou para você falar, que não era a verdade dos fatos. A Dra. Viviane está recebendo quanto de você? Quem está pagando para você ter essa advogada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Walter.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Walter? Você disse que Walter recebe quanto mais ou menos de salário?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - De 3 a 4 mil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele disse que recebia 2 mil e 200. Ou seja, com 2 mil e 200, tendo que sustentar uma família, quantos filhos ele tem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Dois.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dois. A mulher que está separada ou ele ainda convive com a mulher lá, a Simone?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A situação deles é a seguinte: ele diz para mim que eles não se entendem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas aí é o seguinte, veja, com 2 mil e 200, para pagar um advogado para ele e mais para você. Ou seja, alguma coisa estranha tem aí no meio, quer dizer, alguma organização pode estar por trás do pagamento dessa advogada

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A princípio, nós estávamos com outro advogado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, outro?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós estávamos com outro advogado. Só que eu não sei o porquê o Walter trocou, ficou com o Osvaldo e a Viviane ficou comigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem era aquele outro advogado? Era o Osvaldo, era?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Osvaldo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E depois botou a Viviane para você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Botou pelo fato de a minha mãe não ter condições de pagar. Aí, nessa segunda vez em que a Viviane foi falar comigo, ela falou que o Osvaldo conversou com a minha mãe e ela estava junto. E perguntou para o Osvaldo se ele iria fazer o serviço para mim gratuitamente, porque a minha



família não tinha condições de pagar. O Osvaldo falou que não, e ela assumiu o caso. Só que eu não sei se ela está recebendo, se ele está pagando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas você assinou uma procuração para ela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Assinei a procuração. Agora, se ele está recebendo dele, eu não sei, porque o Osvaldo eu sabia que era ele que ia pagar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Você conheceu Walter onde, e quando, e como?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele foi na casa da tia dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde? Em que local? A casa da tia dele. E como é que você foi para a casa da tia dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É porque a tia dele mora na minha rua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hein?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A tia dele mora na minha rua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, a tia dele.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu moro aqui, ela mora do meu lado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí ele veio na casa da tia dele e você foi lá...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fui. Eu sou amiga dos primos dele, da mulher do primo, sou muito amiga...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, você já conhecia há muito tempo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você já...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Walter eu não conhecia. Eu conheci através deles.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas já conhecia os filhos deles?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O senhor está falando...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do Walter.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O senhor está falando de como eu conheci o Walter?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Através dessa tia dele, dessa família dele, porque ele freqüentava lá. Fomos amigos. Depois surgiu o interesse. Eu que liguei



para ele, eu que procurei a ele, eu que peguei o telefone com ele. E começamos um relacionamento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Você sabia que ele era casado já quando conheceu logo ou foi depois?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele me falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Logo, logo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Antes de você namorar com ele ou como amigo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Como amigo. Eu já sabia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sabia que ele era militar já?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que trabalhava no Corpo de Bombeiros?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sabia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sabia.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Em nenhum momento, ele me escondeu que era casado. Ele falou...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual a linguagem que Walter usa com você? Ele usa muita gíria ou é uma linguagem normal?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Normal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Normal. Porque tem hora que ele diz assim para você: "*Oh Taís, nós não vamos nem comer nada aqui, vamos embora logo, porque, pô, senão a gente vai abafar.*" Você lembra?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não entendi, não entendi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele disse para você, quando você chegou: "*Aí eu falei assim: Quando eu estacionei nesse hotel, eu parei o carro. Era quatro e pouco da manhã e parece que faziam manobras. Aí eu falei assim: Oh, eu estou muito cansado, eu tenho que dormir, porque eu tenho que voltar rápido, porque a minha intenção de voltar era 10h ou 11h da manhã, porque eu chegaria bem mais cedo lá no Rio. Eu entrei.*" Quer dizer, uma pessoa vai lá, chega 4h30min da manhã e já às 11h, 10h quer ir embora. "Quando nós acordamos, era por volta de duas e pouco. Aí eu falei: "*Oh Taís, não vamos nem comer nada aqui, vamos embora logo,*



porque, pô, senão a gente vai abafar". Que é isso? Ele falou isso para você? Lembra de ele ter falar isso para você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não lembro do abafar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu lembro de ele ter falado...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que significa esse abafar? O que significa? O que significa esse abafar? Ele queria abafar o quê? Senão vão descobrir as nossas armas, senão a gente não vai colocar?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não sei o que significa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por exemplo, ele usava muito com você: "Pô, está tudo tranquilo. "Pô, eu falei assim". E outras vezes ele usa outros termos, que parece ser termos assim de numa linguagem não muito de um coronel do Corpo de Bombeiro. É de malandro. "Caraca". O que é isso caraca? "Caraca." "Pô." O que é esse expressão "caraca".(Risos.)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Taís, não minta que é padre, hein? Vai aumentar a tua pena aqui e depois.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - "Caraca." "Pô". E ainda usou mais o "pô". Tem ainda o "caraca" e o "pô". O que significa essa expressão "caraca, pô." O que é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Caraca é um fato, eu acho, eu acho que é um modo de expressão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o que significa essa linguagem? Ele usava para você...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Para não xingar... Eu pelo menos uso caraca pra não xingar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o que é? É usado isso aqui normalmente na organização? É usado no baile *funk*? O que é isso aqui, esse caraca? É uma linguagem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É usado normalmente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Normalmente? Quer dizer, lá no Rio de Janeiro, quando não quer brigar com alguém, diz: "caraca, pô!" É assim, não é?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, também não é assim. Estou falando que normalmente as pessoas falam "caraca".



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. "Pô, está tudo tranqüilo." Quer dizer, você diz que ele fala uma linguagem fluente, que não usa termos, mas...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Comigo ele fala normal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas aqui, quando ele começou, ele usava várias expressões. Inclusive quando conversava com você. "Taís, pô, tu quer fazer um passeio comigo, só para mim não dormir?" E aí você também usa a sua linguagem também. A sua linguagem não usa esse termo não? Você normalmente não usa esses termos?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - "Caraca"?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. Algum termo assim como "pô"?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí você diz: "Poxa, quero, quero, sim." E aí diz que você foi perto do Oeste Shopping, do Campo Grande: "E vim e peguei a Avenida Brasil e vim embora. Ele veio mostrando o caminho, ele falou que era tranqüilo, que era só estradas retas, inclusive a Castelo Branco, que passava. E ele não conversava muito. E o que ele fez? Ele me deu 150 reais e falou assim: Walter, tu deixa isso aí com você, que é para mim saber quanto você vai gastar quando tu voltar, que aí eu te dou já dinheiro para tu voltar. Eu falei — Walter dizendo: Ah, tudo bem. E todas as vezes que a gente ia, parei para comer só em..." A expressão que ele diz: "E todas as vezes que a gente ia...", mostrando que o senhor Walter teria ido muitas vezes para aquela região, que não é a única ida dele nesse momento.

Eu pergunto a você, você conhece, na relação de Walter, alguém por nome Batata?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Apelido Batata?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Pequinho?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Também não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Moisés?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Também não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, Walter não te leva para os locais onde ele freqüenta. Ou não apresenta para os amigos, porque tem ciúme de você, que você possa deixá-lo?



A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O porquê que ele não me apresenta eu não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o senhor não conhece ninguém. Quem é que você conhece além dos filhos e da Simone do relacionamento do Walter?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A Simone eu não conheço. Só de nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só de nome. E quem que você conhece do relacionamento de Walter, que ele te apresentou. Diz: *"Aqui é a minha namorada."* Ou ele não apresenta você?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Têm os motoristas dele do quartel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele tem motorista?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - No quartel?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Motorista dele?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - É. Motorista do quartel, que busca e leva ele ao quartel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, então, ele tem um carro, mas é o motorista do quartel que vai buscar em casa e levar para casa.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Além do motorista?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não tem muita gente que me conhece como namorada dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Como namorada, os filhos, os familiares que moram lá na minha rua e os motoristas. E, quando eu ligava para o quartel, perguntavam quem era, eu falava: *"É a namorada dele"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, Taís, se você não está falando a verdade, você, como ele disse, pode cair numa fria. Agora, se você diz que está dizendo a verdade, teu companheiro Walter te colocou numa fria, inclusive dizendo, num primeiro momento, dizendo que as armas, as munições pertenciam a você. Sei que você era a chefe da quadrilha.

E há uma série de contradições entre o teu depoimento lá na polícia e o depoimento dele, que ele não respondeu nada, mas o que ele veio aqui, ele disse muita coisa, e muita coisa caiu em contradição.



É por isso que nós devemos, Sr. Presidente, convocar o Walter, para fazer uma acareação com a Taís, *tête-à-tête*, para saber quem é que está mentindo menos, porque, pelo o que nós percebemos há uma série de contradições e mentiras. E determinar também ao setor de inteligência, para ver se nós chegamos a esse tal de Djalma, porque é uma figura que não fala. Que é tão bom, que dá 1 mil reais assim, paga todas as refeições, hotel e tudo mais, e depois não vem. Quer dizer, tem um carro para ele voltar, ele contrata esse carro, fica lá e ninguém sabe onde é que ele está. Então, esse Djalma tem muita coisa que parece que ele não sabe apenas o nome Djalma. Djalma tem um sobrenome, tem também endereço, que os dois devem saber, mas não querem revelar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas vai ser encontrado logo. Não se preocupe com isso.

Taís tem alguma coisa a mais que tu queiras contar, que tu aches interessante? Porque tu já vistes que entrou numa fria aí, que o Walter, na verdade, trabalha com os traficantes, inclusive com gravações, com tudo.

Ele tinha te dito que já tinha outras vezes em Foz só este ano?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele tem ficha até com assinatura dele.

Ele te disse que realmente foi naquele hotel da ilha não sei o que lá? Só que ele botou nome falso quando esteve contigo? Ele utilizou um nome falso. Foi confirmado agora. E, realmente, ele alugou dois apartamentos e usou um nome falso.

Nesse ponto, tu estás falando a verdade. Eu só que tu ponderasses para falar em todo o resto também. Não ficasse com receio. Pensa bem. Vou te dar até amanhã para tu pensares bem, para a gente depois voltar a conversar, talvez amanhã, numa reunião reservada, para saber o que tu queres fazer da tua vida. Porque aí ele vai entrar formação de quadrilha, ele vai entrar tráfico internacional, ele vai entrar mentir para CPI. Tudo isso... Cada coisa dessa é uma pena. Sabe quanta cadeia isso é? Eu não sei o que o advogado te falou. O que o advogado te falou sobre a pena que tu podes cumprir?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nós não conversamos muito sobre isso, porque até minha mãe não quer que ela seja minha advogada.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas a primeira coisa que tu tinhias que perguntar para ela — esta aí o Deputado Pompeo, advogado —, a primeira coisa que o cliente pergunta é: *“Em que vão me enquadrar, doutora? O que vai ser? Por que eu vou ficar presa?”*

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu perguntei a ela: *“Eu vou ficar muito tempo aqui?”* Ela falou: *“Não, você não precisa se preocupar, porque nada era seu.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E é isso que é o diferente. Quer dizer, se tu não mostrares boa vontade total naquilo que tu vais falar, vai passar tudo a ser teu, junto com ele. Vai passar a impressão que tu fostes com ele, porque um casal chama mais atenção do que um cara sozinho dentro do carro. Aí um casal parece viagem de férias, coisa parecida e tal.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Esse microfone não está funcionando. Agora está. A impressão que se tem e que passa para todos é que ele combinou contigo — *“Olha, nós vamos em tal lugar, vamos fazer tal coisa, de tal maneira”*. — que vocês se associaram. Tu és sócia dele. Então, o que ele ia ganhar tu ias ganhar também, e o que ele perder tu vais perder também. Você assumiu o risco, tu entendestes? Aí o que ele fez, a metade é tua — tu entendestes? —, de bem e de mal. Conseqüentemente, se tu não tivesse sido pega, a idéia que passa, tu ias ganhar lá a tua parte do crime, enfim, da munição, das armas, das questões que foram trazidas. E, na medida em que tu fostes pega, vais pagar as mesmas penas que ele. Tu cometeste o mesmo crime. Agora, tu podes provar, podes mostrar, pela sua disposição, e dizer: *“Olha, eu fui com ele, eu tenho uma história com ele, enfim, eu sou namorada, ou — sei lá — amante dele, mas eu não estou cometendo o crime com ele”*. E aí contando: *“Tanto eu não estou cometendo crime, que para mim foi uma surpresa”*. E como é que aconteceu e tudo o que aconteceu. Tem que abrir tudo, tintim por tintim, “retintim”. Se tu estás disposta a isso, tu sais fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu fizestes 18 anos quando, Taís?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Em fevereiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é, então pior ainda, porque aí tu já tinhias 18 anos, não vais nem se beneficiar do Estatuto da Criança e do Adolescente. Quer dizer, tu já vais responder como maior. E maior para uma



pena acumulada, se botar todas as coisas — tráfico internacional, formação de quadrilha, falsidade ideológica —, porque ele deu nome falso lá. Se botar todas essas penas, dá mais de 20 anos. Já pensastes? Tu, com 18, tendo que cumprir 20 de cadeia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, o que eu estou falando é a verdade. Vai caber a ele assumir e ser homem, dizer que eu não tenho nada, que não é nada meu. Como ele realmente falou lá na custódia, eu vim de anjo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lá na custódia, ele falou que tu viestes de anjo?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Falou, porque eu ficava mal, ficava chorando. E a minha mãe ia lá, poxa, eu ficava...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas na Polícia ele não falou isso.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Todo mundo lá na custódia, os presos... para todo mundo, se vocês quiserem até perguntar, ele falou que eu vim de anjo. Eu estava na minha casa dormindo. Eu estava dormindo quando ele me ligou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Na verdade, um tenente-coronel desse que usa uma moça que nem tu para fazer um negócio desses... Quer dizer, isso é bandido. E, se tu queres um conselho bom, te afasta dele, não aceita nem advogado pago por ele. Procura um defensor público, que vai ser dez vezes melhor para ti do que um advogado pago por ele. E a CPI pode depois orientar a defensoria pública para te dar nesse negócio. Mas tu tens que pensar todos os detalhes. Quando ele degringolou... Porque foi de uns tempos para cá que ele começou a entrar no esquema dos traficantes. E tu mesmo sentistes isso. Tanto é que a tua cartinha, aquela é a maior defesa que tu tens. Não te desvincula dela. O maior defesa é tu dizendo: *"Olha, depois que tu entraste com esse negócio na favela e tal, aí tu mudaste, tu não eras mais o mesmo"*. Compreendeste? Eu posso acreditar que tu gostas dele, gostavas dele. Espero que não gostes mais. Espero que comecem a se separar, porque ele vai fazer só mal para tua vida. Mas aquela tua cartinha... eu tenho certeza que tu escreveste aquela cartinha já dizendo: *"Poxa, volta a ser aquele que tu eras antes. Larga esses caras aí que tu estás em contato, que tu estás junto"*. Não foi mais ou menos isso que tu falaste?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi, que eu sentia falta dele.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E que ele estava com uma turma que não era... que estava mudando ele. Não é isso?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sr. Presidente, por favor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Quantos irmãos você tem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu?

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu, por parte de mãe, tenho um irmão. E, por parte de pai, eu tenho quatro.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Eles trabalham com o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Bom, meu irmão trabalha num *shopping*, ele é gerente de uma loja; um não trabalha; o outro é corretor de imóveis; a outra... a minha irmã trabalha numa auto-escola; e o outro acho que faz segurança no condomínio onde meu irmão trabalha.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - O que Djalma falou para a sua mãe, logo após a sua prisão?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - O Djalma?

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É.

(*Intervenção inaudível.*)

(Não identificado) - Walter, o Walter.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Foi o Djalma. Ele falou com a sua mãe?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, ele quer saber do acompanhante.

(Não identificado) - Ah, tá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Jovino, pode...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, o Djalma não falou nada para a minha mãe.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Ué, mas está aqui que a sua mãe conversou com o Djalma!

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Só se ela não me contou. Ela não me contou nada, não.



O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A mim ela não falou nada.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Mas lá nos bailes, o que vocês conversavam com os filhos do... Você foi ao baile...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fui.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - ... com os filhos do Walter.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fui.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sozinhos, claro.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fui.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sem a presença do Walter.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Uma vez fui sem a presença do Walter.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Então, o que vocês combinaram lá?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Nada. A gente só curtia, dançava.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - A sua missão era recrutar o Walter para essa tarefa maior? Esse...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Você trabalha para quem?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu?

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu não trabalho, eu só estudo.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Ah, só estuda?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Eu só estudo.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - A sua mãe...?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A minha mãe trabalha.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Com o quê?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela é faxineira.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Faxineira?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Quanto ela ganha assim?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ah, ela ganha uns 400 reais.



O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É? E quanto ela paga de prestação da casa que comprou para a sua tia?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não, a casa já está paga.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Ah, já está paga?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Já está paga.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Tá, tá bom.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - E não é só a minha mãe. É minha mãe, meu irmão e minha tia que trabalham.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Que trabalham. O.k. Então você não foi recrutada?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não? Quando é que o Walter começou essas tarefas dele? Foi depois que ele conheceu, que ele começou a mudar e se aproximou lá do seu... do bairro onde você mora?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Como assim? Eu não entendi a pergunta do senhor.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Então, quando é que ele começou a executar...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - A freqüentar...

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É, a executar essas tarefas de viajar para buscar essas munições?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ele não falava para mim que ia viajar.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Comigo ele não comentava nada, não falava nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa foi a única vez que tu fostes...

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Foi a primeira vez que eu vim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... que tu foste à Foz?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Fui a Foz. Nunca viajei com ele para lugar nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tá bom, fica pensando o que tu lembras, fica pensando se tu queres ajuda da gente ou não queres, porque



amanhã vou fazer uma acareação entre ti e o Walter, para ver quem está dizendo a verdade e quem não está, porque vocês estão falando uma coisa... Tu estás falando uma coisa, que eu tendo a acreditar no que tu falastes, porque agora mesmo foi confirmado que eram dois quartos, um de frente para o outro mesmo, o 241 e o 242. Quer dizer, foi confirmada a tua parte. Ela está já com vontade de ajudar, para não sobrar o rojão na mão dela, compreendeu?

Mas, amanhã... eu quero que tu penses até amanhã o que mais... porque ela já disse que realmente, depois que o Walter começou a andar com más companhias... por isso que ela escreveu aquela carta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deixa eu perguntar um negócio para ela. Tu tens falado com a tua mãe?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Ela vai me visitar às quartas-feiras.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu gostarias de falar com ela?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Agora?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por telefone?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Gostarias de falar com ela hoje?

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Gostaria.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - A gente pode proporcionar para ela depois poder pelo menos dar um alô para a mãe dela, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pode. Depois a gente dá um jeito nisso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Até para ela poder saber...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu disse para ela. Ela é uma menina de 18 anos que pode ser indiciada por formação de quadrilha, tráfico internacional. Vai ser por tudo isso. São 20 anos de cadeia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos depois proporcionar para tu poderes falar a tua mãe, tá bom? Até para tu te aconselhares com ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quero tu depois colaborando.

A SRA. TAÍS ALVES DA SILVA - Se o senhor quiser fazer hoje...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vamos chamar o Walter.

Tem razão de ser.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deixa ela vai ficar lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, ela vai sair na hora em que o Walter entrar. (*Pausa*.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Traga o Walter aqui, por favor. Taís, obrigado pelo seu depoimento. Deputada Laura Carneiro, acompanhe ela um pouquinho.

Walter, tivestes um tempo para pensar, fizemos várias verificações, evoluiu muito a investigação com relação a ti. Eu quero saber o que tu tens a dizer à CPI. A Taís deu novos detalhes hoje bem interessantes. É uma menina realmente, até certo ponto não ainda com aquela malandragem. Então, foi bem interessante. Amanhã vamos fazer uma acareação entre tu e ela. Mas eu quero saber o que tu tens a nos dizer.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Com todo o respeito a esta Casa de Leis e ao Exmo. Sr. Deputado, como já disse na sessão passada, eu me reservo ao meu direito constitucional de permanecer calado e falar em juízo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero dizer que tu estás em juízo. Esta é um CPI do Congresso Nacional. De acordo com o § 3º do art. 58 da Constituição, ela tem os mesmos poderes de justiça para investigar.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Meu advogado não está presente. Eu me reservo o direito de permanecer calado e falar em juízo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Reserva o direito de...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - ...constitucional de ficar calado e falar em juízo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, tu não tens o direito de não falar, tu tens o direito constitucional que te é dado para não de auto-incriminar. Esse é o direito. Se tu achas que uma pergunta vai te auto-incriminar, tu tens tem o direito de dizer: "*Eu reservo o meu direito constitucional de não me auto-incriminar*". Porque em juízo tu estás. Então, é uma bobagem tu dizeres que reserva o direito constitucional de falar em juízo. Está no juízo, é hora de falar, então. Agora, tu tens o direito de não te auto-incriminar. Então, quando uma pergunta for assim: "*Olha, e tal, tu és o dono dessa munição?*" E tu achares que essa pergunta vai te



auto-incriminar, então tu podes dizer: “*Olha, essa pergunta, eu me reservo o direito constitucional de falar em juízo*”. Está bom? Só isso. Porque, do contrário, não tem outro direito constitucional. Tu tens o direito constitucional de não te auto-incriminar. Esse é o teu direito constitucional, tá? Tu não queres esclarecer nada novo aqui?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Por ordem do meu advogado, só falo em juízo.

O SR. PRESIDENTE (Moroni Torgan) - Pois é. Então, pode falar.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não tenho nada para falar.

O SR. PRESIDENTE (Moroni Torgan) - Para falar em juízo, pode falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é seu advogado?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Dra. Viviane. Ela não está presente no recinto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela mora no Rio ou aqui?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - No Rio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Presidente, V.Exa., se quiser, pode nomear um advogado *ad hoc*, que facilitaria os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Moroni Torgan) - Posso até nomear, mas é audiência pública também. Quer dizer, não...

O Relator pode falar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na realidade, Walter, nós queremos simplesmente retomar contigo a conversa que nós já tivemos contigo.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhor. Tudo o que eu tinha a falar, eu já falei naquela...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - ... outra sessão passada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós queremos só recapitular contigo. É possível?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O que eu tinha que falar, eu já falei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós vamos encaminhar a inquirição. O senhor fez um depoimento aqui e fez juramento aqui de falar a verdade. E eu quero saber, em primeiro lugar, se o senhor confirma como verdadeiro o depoimento que o senhor deu aqui na semana passada.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Porque o senhor mudou de opinião de... Semana passada o senhor estava tão solícito, tão... para hoje.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem, Presidente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só um pouquinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, só para nós... tem uma assessoria da Comissão. (Pausa.)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu vou retomar, então.

Qual é a sua... Porque o senhor mudou de opinião?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de ficar... permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu sei por que o senhor se reserva o direito de ficar calado. O senhor fica calado de vergonha.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Gostaria que contasse isso em ata, esse tratamento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vai constar em ata, sim. Porque eu, se fosse tenente-coronel bombeiro e tivesse o mínimo de respeito pela corporação que eu represento, pela minha família, por tudo aquilo que... eu jamais me comportaria da forma como o senhor se comportou. Eu teria talvez mais vergonha ainda, porque tenho a impressão de que nem vergonha o senhor tem, pela sua conduta, pela sua postura. E nós estamos lhe dando aqui mais uma oportunidade de restabelecer o mínimo de dignidade na sua conduta, na sua postura. Sua negativa de colaborar como testemunha é uma comprovação da sua indisposição, de ter um mínimo de respeito pela corporação de que o senhor faz parte e pela instituição que o senhor representa. Quero saber por que o senhor mentiu para nós aqui no depoimento que o senhor fez na semana passada?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O senhor confirma o seu depoimento da semana passada?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Isso vai lhe incriminar?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado. Direito constitucional.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Porque isso vai lhe incriminar, é isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado. Meu direito de cidadão.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Isso vai lhe incriminar? E eu vou lhe dizer: é bom o senhor se reservar o direito de permanecer calado agora, mas o senhor já mentiu para a CPI, como o Relator disse, e o Relator vai começar a identificar alguns fatos que o senhor mentiu para a CPI. É mais um processo que vai estar acumulado ao seu. Se o senhor não estivesse preso, eu o prenderia agora. Se o senhor não estivesse preso. Porque o senhor... Ficou caracterizada a sua mentira para a CPI

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós já conseguimos para isso: identificar que seu depoimento foi um depoimento mentiroso desde o início. Até porque são evidentes as relações que o tu estabeleces com essa pessoa que estava com você dentro do carro. Tu já conhecias Foz do Iguaçu antes dessa viagem, Paraíso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu fostes tão categórico conosco aqui. Num aspecto até teatral, chorou ...emocionado, nos explicando que era a primeira vez que tu ias, até estava meio perdido quando fostes até Foz do Iguaçu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aqui Relator até para ajudar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, Presidente,

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor mesmo perguntou para ele: “*o senhor nunca tinha ido ao Paraguai? O senhor nunca tinha ido a Foz do Iguaçu?*” “*Foz do Iguaçu? Não. Foz do Iguaçu. Não.*”



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E nós, Paraíso, no trabalho desenvolvido pela Polícia Federal já conseguimos identificar que tu eras um freguês com visitas regulares a Foz do Iguaçu. Temos a tua ficha de hospedagem nos diversos locais, nos hotéis diferentes que tu ficastes hospedados, as datas, com tua assinatura, como, por exemplo, no Ilha de Capri, o Hotel Colina... Aliás Sr. Presidente, essa estratégia de levar uma mulher junto não era uma estratégia inédita. Normalmente, ele utilizava essa mesma estratégia. Como numa oportunidade em que ele ficou hospedado no Hotel Colina, Rua Passo da Pátria nº 203, chegou às 9h06min da manhã e saiu às 17h46min, acompanhado de uma mulher de aproximadamente 30 anos, morena de minissaia. Ela alegou ser sua esposa. Num Vectra, cor escura. Acompanhado de um homem que não se hospedou... O acompanhante saiu e disse: *"Vou levar o carro para consertar e quando estiver pronto de te aviso."* A mesma história, Sr. Presidente. E às 17h30min voltou, comunicou que estava tudo pronto, o Walter partiu para o Rio de Janeiro. Dezoito de abril de 2005, apartamento 230 do Hotel Ilha de Capri, chegou e saiu às 16h40min, também num automóvel Vectra. Por que razão, coronel, o senhor veio aqui e omitiu desta CPI, desta Casa, as suas várias e freqüentes visitas a Foz do Iguaçu? Hein, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de ficar calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Coronel, o senhor conhece o Batata?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É que isso pode auto-incriminá-lo, não é? Então, o senhor se reserva o direito de permanecer calado, porque conhecer o Batata vai lhe auto-incriminar. Mas como tem uma escuta realizada que, inclusive, já foi tornada pública, já está lhe auto-incriminando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Este Batata, coronel, o senhor não conhece?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Porque o Batata, ele revela certa intimidade quando fala com o senhor, não é? Tanto é que ele chama o senhor de meu pai. *"Fala aí meu pai!"*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Batata é quem?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Batata é um dos gerentes do Robinho Pinga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Traficante?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Traficante, bandido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De drogas e de armas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E aí o Walter costuma falar da seguinte forma com o Batata, Presidente: *"Fui doidão pro colégio, Batata"*. E Aí o Batata informa ao coronel que o telefone dele pode estar grampeado. Aí o Batata diz: *"A sua chamada teve frango"*. O que era frango, chamada com frango, coronel?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É bom reservar o direito de permanecer calado, porque aí vai ser duro. Ele vai se auto-incriminar, falando com traficante desse jeito.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado, é constitucional.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *"Ele está lá na tua boca, coronel. Vai trabalhar e arruma o meu bagulho"*. *"Tá, eu vou lá pra você"*. O senhor, quando conversou conosco, aqui, não usava essas expressões de: *"Ô bagulho, tá sinistro"*. *"Como é que é?"* *"Ô cumpadi!"* Esta é linguagem da corporação, que o senhor utiliza com os seus colegas? É? *"Cumpadi"*, *"bagulho"*, *"paizão"*, *"mano"*? O senhor não usou esses termos conosco aqui coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, alguma vez, ofereceu FAO para vender para o traficante do Rio de Janeiro, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Relator, V.Exa. me concede um segundo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Claro, Deputada.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Apenas para ler um artigo do Código do Código de Processo Penal para o depoente. Se o juiz, neste caso o Relator — se compararmos, pois isso é uma CPI — ao pronunciar a sentença, é o relatório da gente, reconhecer que alguma testemunha, o senhor, fez afirmação falsa, calou ou negou a verdade, remeterá cópia do depoimento à autoridade policial para instalação de inquérito. No caso, a gente não remete, a gente mesmo é o inquérito. Só para lhe avisar que embora o senhor tenha o direito constitucional de ficar calado, quando for lhe incriminar, o fato de ficar calado sempre pode lhe incriminar também. Só para o senhor saber, quando do relatório final do Sr. Relator Deputado Paulo Pimenta. Deputado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, Tenente-Coronel Walter Paraíso, realmente, deveria ter vergonha de, por exemplo, receber o telefonema de um traficante que o senhor trata por "mano". "Fala aí mano". "E aí meu irmão", diz o traficante para o senhor. "Olha só o bagulho". "Aqui está esquisito. Liga pro cara! Não sei o que aconteceu, sumiu uma AK, meu irmão." Aí, o senhor tenente-coronel responde: "Que bagulho?" "Esse bagulho é de responsabilidade, 'cumpadi'." O senhor reconhece esse diálogo como um diálogo seu, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado. (Pausa.)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A palavra está à sua disposição, Deputada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Coronel, o senhor foi casado em primeiras núpcias. Como é o nome da sua primeira esposa, por favor? Mãe dos seus filhos.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Quantos filhos o senhor tem?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Orientado pelo meu advogado, permaneço no direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - - Quantos filhos o senhor tem?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - A sua segunda esposa se chama Simone? Ou é sua namorada também? Ela é esposa? O senhor casou no papel? O senhor é bígamo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Cuidado que o senhor pode estar dizendo que é bígamo! O senhor cometeu a sua primeira...Olha, a gente fica calado com o que pode incriminar a gente, então vou fazer uma pergunta para o senhor: O senhor, por acaso estuprou a menina quando ela tinha 16 anos?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O que significa dizer que pode ter acontecido isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor tem relacionamento sexual com a menina há quanto tempo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ela era menor quando o senhor tinha relações sexuais com ela?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor costumava ter relações sexuais com outras adolescentes?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor sabe que existe uma investigação contra o senhor mostrando que o senhor era um desses homens que se satisfaz sexualmente com adolescentes?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor sabe que isso é crime?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor gosta de *funk*?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor costuma ir ao baile de Taquaral?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor costuma ir a outros bailes da cidade?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor costuma ir ao baile de Jacareí, por exemplo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor costuma ir aos bailes de Jacarepaguá?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O Djalma é um homem branco?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - É um homem negro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ele tem cabelo curto?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ele tem cabelo comprido?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ele é alto? Se reserva...Continua, vamos lá!

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ele é alto?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não. É baixo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Também não é baixo? É médio?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não sei a altura.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não sabe a altura. Melhorou! Já não se reservou o direito de ficar calado. Sinal que o senhor conhece o Djalma. Já melhorou. O senhor se lembra se ele tem olhos azuis?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Que cor? Verdes?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Marrons?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não me lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Castanhos?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não me lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não se lembra. Mas se lembra que ele é homem?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Coitado! Dessa o senhor vai apanhar na cadeia. O senhor gosta de...quer dizer que eu soube uma coisa genial do senhor. Tem um parente seu que gosta de dinossauro, é isso? Uma criança.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Tem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Quem é?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Meu irmão de 5 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Seu irmão de 5 anos gosta de dinossauros. O senhor acha justo com o seu irmão de 5 anos o senhor estar fazendo o que está fazendo agora?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Está certo. O senhor ia parar em Aparecida para comprar dinossauros para ele?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Quando eu fiz a pergunta dinossauro foi para o senhor saber que a gente sabe muito mais do que o senhor imagina. Então, o senhor tem duas opções: ou a gente continua na galhofa aqui, eu vou ficar fazendo cinqüenta mil perguntas... Olha, são cinco e meia da tarde. Minha filha está em Brasília comigo, eu posso ficar aqui até umas dez e meia, 11 horas fazendo pergunta e o senhor vai responder: "*eu me reservo o direito de ficar calado.*" Eu vou perguntar tudo o que o senhor imaginar: a cor da sua camiseta, se a sua aliança é de ouro ou se é de prata. Fico aqui até às 10 horas da noite perguntando, ou o senhor resolve falar alguma coisa. Então, o senhor resolve dizer assim: "*eu coloquei a menina na fria e a culpa é minha, não é dela.*" Alguma coisa o senhor vai dizer aqui. Eu tenho uma paciência de Jó. O senhor vai se reservar o direito de ficar calado ou vai resolver ajudar um pouquinho?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Vou continuar calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então, só para lhe avisar mais uma coisinha: a Taís, que o senhor envolveu nisso, ela pode ser boba, mas a gente não é não. O senhor está pagando a Viviane para ela, e aí ela cometeu o erro... Coitada, é uma menina, não é? E o senhor e a sua advogada também cometem o seguinte erro. Se vocês perceberam, Deputado Pimenta, ela disse todos os horários que na semana passada eu tinha perguntado a ele, e anotado, mas sem errar um milímetro. Ela se preocupou em dizer: o horário tal eu saí da onde, cheguei às tantas horas não sei onde, depois fui às tantas horas não sei o que, tudo com



horariozinho que batia com aqueles horários da semana passada. Teve entrevista na *TV Câmara*, a advogada, inteligente, anotou os horários, e ela repetiu tudinho. Mas ela errou, se enrolou foi na história do pneu. Ela já não sabia mais a que horas o pneu tinha ido consertar, onde era. Ela se enrolou toda. Mas eu continuo sem entender uma coisinha: entre um pneu e outro, onde é que a munição estava? Atrás ou embaixo da farda?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor gosta da farda?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Gosto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor sempre usa a farda em cima da munição?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O que seus companheiros da corporação ... Eu disse para o senhor outro dia que nos Bombeiros nós ... Acho que todo Rio de Janeiro, então, tem adoração pelo Corpo de Bombeiros, em função até dos... Lá quem faz o serviço de saúde, de atendimento na rua, é o Corpo de Bombeiros. Então, todo mundo é apaixonado no Rio pelo Corpo de Bombeiros.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Em todo canto. Deixa eu saber uma coisa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu só não entendo como é que ele olha lá para o povo dele, o Corpo de Bombeiros.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Eu posso perguntar uma coisa? A munição era sua ou da Taís?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Quer dizer que era da Taís? Você tem coragem de dizer nem isso?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Aí tu tinhas que ter um pouquinho mais de dignidade.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Tinha que ser homem, malandro.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu quero que conste em ata o tratamento que está sendo a minha pessoa, dignidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor está sendo tratado mal? O senhor quer mais uma agüinha, um café? O senhor quer alguma coisa?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, senhora. Estou bem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor não vai chorar hoje, está até melhor do que outro dia. O Deputado Moroni não foi ofensivo.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - À minha pessoa foi.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Tinha que ter a dignidade de não envolver uma menina de 18 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas ele envolveu quando ele foi para a cama quando ela tinha 16 anos.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Isso tinha que ter essa dignidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Presidente, nosso Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual era o papel da Taís nessa organização de vocês, que regularmente buscava munição no Paraguai, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi o senhor que envolveu a Taís nesse processo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - (*Ininteligível.*) Sr. Presidente, eu vou chamar a Tais pra ela ouvir o namorado dela.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - (*Ininteligível.*) Amanhã ela vai ouvir.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - (*Ininteligível.*) Não. Eu quero que ela fique ouvindo o namorado dela falar dela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor disse para nós aqui que chegando no hotel, em Foz do Iguaçu, o senhor se despediu do Djalma, e nunca



mais viu o Djalma. Mas sabemos que o senhor não só se hospedou no hotel, como o senhor também pegou quarto para Djalma. Foi o senhor que pagou a conta. O senhor lembra como pagou a conta, Coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Inclusive o pessoal do hotel achou muito curioso que o senhor pagou a conta em dinheiro, utilizando notas de 1 real e 2 reais. O senhor podia nos explicar por que o senhor pagou toda a conta do hotel em notas de 1 e 2 reais, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Será que não é porque veio a férias lá dá... É, da "boca". Na "boca" você acha que o povo com quê? Com 1, 2 reais.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sra. Presidenta, permita-me falar sobre uma coisa que ele relatou. Só uma coisa que achei interessante. Veja que naquele primeiro depoimento, acho que o que tinha do tenente-coronel veio depor. Ele estava sensível.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele deve ter levado uma prensa.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - No segundo depoimento ele está totalmente frio. Frio mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele está debilitado, Deputado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Com um ar de prepotência, inclusive. Achei interessante isso. Dá para ver.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O coronel?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É. Aí, o que parece que foi o primeiro depoimento? Parece que foi seguindo orientação também. Eu quero acreditar que naquele primeiro ele estava com o coração mais à frente. Eu quero acreditar que naquele primeiro ele estava enxergando a farda dele, porque nesse segundo está com a frieza que os traficantes do Rio têm.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Presidente, vou dar-me o direito de discordar do senhor...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não apoiado no Rio.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Pode botar em ata também. Vamos botar em ata.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...porque, para mim, hoje ele é isso aí mesmo. Ele é esse aí, aquele teatro que ele fez para nós, aquilo, sim, que é um teatro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Aliás, o Deputado Carlos Sampaio disse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na realidade ele é esse aqui. Ele é esse aí. Quem é o Lair da Cunha, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que razão o senhor utilizou a identidade de Lair da Cunha para se hospedar no Hotel Ilha de Capri, quando o senhor pegou os quartos 241,242, no dia 16 de maio, e pagou a conta, tudo com 1 e 2 reais? Quem é Lair da Cunha, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Aí eu entendo o seguinte: se ele se reserva o direito de permanecer calado é porque ele sabe que Lair da Cunha não é ele, ele é o Walter. E usou o nome de Lair da Cunha, porque se ele explicasse, eu ia acreditar. Não, eu não usei esse nome, esse nome eu nem conheço. Mas como se reserva o direito de permanecer calado, se reserve o direito de permanecer calado porque isso pode lhe auto-incriminar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Deputado, eu vou aproveitar o aparte ao Relator. Um Deputado do Rio de Janeiro me telefonou no final de semana preocupado, porque o pastor Marcos, da área dele, estava recebendo vários telefonemas de seus fiéis, preocupados que o pastor Marcos, de São João do Meriti, fosse o mesmo pastor Marcos, aqui, do caso. Então, pelo menos, nem que seja a homenagem aos outros pastores, o senhor poderia dar o sobrenome do pastor Marcos. Não estou brincando, o Deputado Sandro Matos me ligou preocupado que o pastor Marcos, de São João do Meriti, estava sendo assediado pelos seus fiéis. Então, o senhor, além de tudo... Esse pastor Marcos é da Taquaral. É isso?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas até isso? Então é qualquer pastor Marcos?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse pastor Marcos, Deputado, acho que deveríamos, inclusive, Sr. Presidente...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - É, chamar o pastor Marcos aqui para saber, porque também essa história, como é que se empresta uma Mercedes assim?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Suponho que esse Marcos seja o Marcos Pereira da Silva, criador da Igreja da Assembléia de Deus dos Últimos Dias, junto com o pastor Cristiano José Araújo dos Santos. Igreja na qual se converteu recentemente o traficante Derico. Traficante Derico, que chefiou o tráfico na favela de Acari e no conjunto do Amarelinho por 18 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Por isso perguntei a ele se ele ia lá no...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que recentemente se converteu a Assembléia de Deus dos Últimos Dias cujo pastor Marcos Pereira da Silva, ao que tudo indica, seja o Marcos que emprestou o carro, se é que é verdade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então é esse pastor Marcos Pereira da Silva? É esse o pastor?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O traficante Derico, da região de Acari, viu a aliança do Terceiro Comando, amigo e braço direito do comparsa Robinho Pinga.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O pastor?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, o Derico.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ah! O Derico se converteu?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Derico se converteu na igreja do pastor Marcos. O senhor também é da igreja, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor também se converteu?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas se é com a religião?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - A sua advogada não lhe ensinou direito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, não tenho mais nada a perguntar, como Relator.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Presidente, eu queria, embora eu esteja presidindo, meu Presidente chefe-mor, juro que eu queria... Não queria nem fazer acareação hoje, não. Não, mas eu queria que a Taís ouvisse esse homem, a cara-de-pau dele, ele vai acabar com a vida de uma menina de 18 anos, com esse “eu me reservo o direito de ficar calado”. Ele vai acabar não é com a dele, com a dele ele já acabou mesmo, está tudo provado, mas você vai acabar com a vida da mulher que você dizia que amava. Você chorou aqui: “Ah! Meu amor”, disse que queria casar. Reclamou porque a menina perdeu o ano. E você vai acabar com a vida de 18 anos que você começou a transar com 16! Será que você não tem o mínimo de coração, não, menino? Nem o maior traficante que já sentou na nossa frente, o Fernandinho Beira-Mar, duvido que não defendesse as mulheres dele, podiam ser o que fossem, mas defendeu as 4 mulheres dele. Você não é capaz de defender uma menina de 18 anos que você usou aos 16? Nem hombridade você tem, cara? Porque isso é falta de hombridade, um homem na tua idade, coronel bombeiro, com tudo aqui provado, não tem coragem de defender a mulher que você levou para uma “ferrada” dessa? Porque a outra de 30 anos, de minissaia, tem 30 anos, a outra tem 30, tem 40, agora essa, não, essa tinha 16 anos, tem 18. É uma menina, você fala com ela parece que está falando com uma menina de 13, mentalmente ela tem 13. Você não tem piedade não, pelo menos porque transava com a menina? Não tem nenhum tipo de reação. Que diabo... Quem você é? Um



monstro! Fernandinho Beira-Mar, aquele cara que matou, ele matava, ele matou o Michel, que era amante da mulher dele. Agora, duvido, ele era um tremendo traficante, está preso onde quiser, mas ele defendeu as 4 mulheres dele do começo ao fim. Nunca sentou um homem na CPI do Narcotráfico que não defendesse a mulher que tinha. Você é o primeiro desgraçado que senta aqui e nem isso foi você capaz, de defender a mulher com quem você transava.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Que conste em ata esse tratamento.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Pode pôr em ata o tratamento que você quiser. E não estou falando nada de mais, estou falando a verdade. Você não teve a coragem de defender a Taís aqui nenhum minuto. E estou falando não é como Deputada ou como Presidenta, não, é como mulher. Você não teve coragem, hombridade e nem o mínimo de honestidade com essa mulher que você usou desde os 16 anos, que é apaixonada por você porque é boba, porque é uma menina. Prometeu mundos e fundos e já tinha 2 outras esposas, prometeu mundos e fundos e agora que você podia pelo menos dizer assim: a bronca é minha, a bronca não é dela, ela não tem nada com isso, não. Nem isso teve coragem de fazer, homem. Nem isso você teve coragem de fazer aqui. Desculpem-me.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há um diálogo do senhor com o traficante sobre 3 fuzis automáticos Lever e a troca dos telefones Nextel. Então, o senhor diz: “Tá aonde, pô?” O traficante diz: “Tô na rua, seguindo pela pista, aí.” Walter: “Ta seguindo pista ‘p’ nenhuma. Tá todo mundo aqui na rua”. Traficante: “Ah! Mas tem um e quatrocentos, então. Eu vou ver.”. Walter: “Ah! A coleta já saiu?” Traficante: “Não, pode sair 8 horas.” Aí é aquele negócio antigo: “Tá pronto? Já.” Walter: “Tem que sentar para acertar. Se você vier agora eu vou te dar 3 Fals. Falou?” Traficante: “Valeu.” Ele falou: “Chegou o Nextel, cara?” Walter: “Chegou?” Traficante: “Não sei se é 1130, modelo mais novo de equipamento, de rádio e telefone celular Nextel”. Walter: “Chegou a conta?” Traficante: “Chegou. Foi substituída 1130”. Walter: “Então, mais tarde, eu vou pegar com você.”

O senhor confirma esse diálogo com esse traficante?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tem celular Nextel, não tem, a marca?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A expressão que o senhor usa, eles usam, falam com o senhor como pai e senhor diz: *"Fala aí, mano."* Ou seja, a relação do senhor com os traficantes é uma relação de muita intimidade. Eles falam o senhor de pai e o senhor usa a expressão de mano. É essa relação mesmo de cumplicidade entre o senhor e os traficantes?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece o traficante de apelido Batata?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo-me o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece um traficante de apelido Batata?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de ficar calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o Pequinho?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de ficar calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pequinho era que ia entregar ao senhor o celular Nextel. O senhor conhece alguém de nome Moisés?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conheceu o seu Djalma quando?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mais uma outra conversa do senhor. Batata: *"Fala aí, meu pai"*. Walter: *"P"... Eu fui doidão para o colégio. Foram tantos*



celulares, cara. Você caminha para ser cara". Batata: "Que barulho estranho é esse em baixo? Olha só, o Pequinho traficante está na boca. Vai lá e pega o celular com ele". Walter: "A sua chamada teve frango?" (Frango é uma expressão usada em interferência.). Batata: "Ele está na tua boca. Vai trabalhar e arruma o meu bagulho". Walter: "Tá. Vou lá e vou falar que é para você". Batata: "Deixa eu usar?" Walter: "Ah". Batata: "Não quero conversar contigo". Walter: "Tá. Eu vou chegar 11h aqui e vou pegar a mina. Vou sair às 11 e eu estou aí". Batata: "Ele vai levar o dinheiro. Já falei com ele. Fala com o Moisés. Se tu vê o Moisés diz que eu quero o meu dinheiro". Walter: "Valeu. Vou pegar lá no teu nome".

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor confirma esse diálogo com esse traficante?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Um outro diálogo do senhor.

Traficante: "Anota aí, anota aí, liga lá. Anda logo, que o bagulho está sinistro, entendeu?" Walter: "Aí, mano, tu quer saber de uma coisa? Vou prender a munição toda." Traficante: "Meu irmão, prende mesmo." Walter: "Vou prender toda a munição. Vai ser 'f'. Traficante: "P... O bagulho está sinistro, irmão, está sinistro." Não estou entendendo nada." Walter: "Um bagulho de responsabilidade desse, deixa comigo aqui, mano." O senhor confirma essa conversa com o traficante?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra a Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - São 5h44m. Umas 4 horas vamos ficar aqui e você via dizer a mesma coisa o tempo todo, falou? Você costumava acordar a Taís sempre?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ou a Taís já tinha combinado com você desde o começo que vocês iam se encontrar às 5h da manhã com o Djalma?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Ela não sabia de nada.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já está melhorando. Ela não sabia de nada. Por que você pegou a sua namorada, passou 16 horas em um carro, e o Djalma não pegou um avião, que custa 350 reais, mas gastou 2 mil reais para viajar?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E quando ela viu a munição, ela levou um susto e disse que era tua. Por que ela disse que era tua?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Áí, ontem, a Viviane conversou com ela, provavelmente explicou para ela a tua versão e fez a boba ir atrás, não é isso? E você acha que você vai livrar ela assim?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Fazendo ela contar a tua história?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você acha que vai livrar a Taís fazendo ela contar a tua história? Quer dizer que para você tirar o teu corpo fora você vai colocar o da Taís?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Taís disse que ela conheceu você por conta de uma tia sua. É verdade?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não me lembro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não se lembra? Quem é a vizinha dela, que mora perto dela, que é a sua parente?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu acho que é seu tio, não é não?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o que você acha da gente chamar o seu tio pra depor? Aliás, o seu tio. Aliás, o seu tio, a tia dela, a tia de vocês, que deu cafezinho pra você e pro Djalma. O que você acha? Acha bom? Todo mundo aqui, a tua família inteira aqui sentada depondo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha, você não está nem aí, pra a tua tia, que deu cafezinho para vocês, nem aí pro seu tio, que é vizinho dela. Pelo menos, você respeita a criança de 5 anos, mais ou menos, porque, se essa história se confirmar, você não vai só responder por tráfego de drogas, tu vais responder também dentro do crime contra o costume de ter usado menina. Ela costumava viajar com você sempre? Nessas outras viagens que você fez para os outros Estados ela ia com você?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você viajava muito com ela, não é?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não entendo como é que um homem como você, tinha a sua esposa, a mãe dos seus filhos, tinha a Simone, a Simone é mãe dos seus filhos e sabia da Taís. E a pobre da dona Ângela, como é que fica nessa história?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quer dizer que você quer acabar com a vida da menina mesmo. A dona Ângela que não sabia de nada, e agora está com a filha, estava lá, ligando pra... a Taís ligando pra a dona Ângela, na hora que eu peguei o telefone e disse: Sou a Deputada Laura Carneiro, dona Ângela, sua filha vai falar, a mulher quase chorou lá do outro lado. Você não sente nada nesse coração aí. Nada, nada, nada. Você só com essa cara aí, fingindo que vai chorar e não chora.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - A senhora me respeite porque eu...por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você que respeite a gente aqui, porque você não está respeitando a gente na medida em que você não está respeitando a Taís. Que você não se respeita, eu tenho certeza, na medida em que você usava a sua farda, que é tão importante — você disse que era tão importante, pra mim é muito importante —, que você usava a sua farda para esconder as suas munições, quem não se respeita é você, não somos nós não. O que eu estou dizendo aqui é que você não respeita a Taís, eu não vou admitir que você não respeite ela, porque é uma menina. Se fosse uma velha, que sabe o que está fazendo, mas ela é uma menina, tem voz, tem jeito, tem cabeça de menina. E decorou, a sensação que eu tenho, é que ela decorou as horas. Então, quando a gente começa a perguntar um pouquinho mais, ela se enrola, porque, é claro, ela decorou as horas. Você não tem vergonha disso? Você que devia ter vergonha. Não tem, não?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então, vamos lá. Você teve um carro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você teve um Pálio?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais rápido, vamos mais rápido. Um Escort? Vai lá, vamos “eu me reservo o direito de...” vamos. Um Escort?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um Siena?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um Passat novo?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De onde é que você conseguiu dinheiro para comprar um Passat novo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Uma moto?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Consórcio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Consórcio. E a casa de Iguaba?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Pago à Caixa Econômica.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Agora eu achei interessante, viu? Foi bem interessante, porque a moto, como é um bem que foi adquirido legalmente...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, ele fala.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - ...e o apartamento, como foi é um bem...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A casa.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - ... adquirido legalmente, aí, dá pra falar. O resto tem que reservar o direito de permanecer calado porque vai te incriminar mesmo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos lá. Vocês chegaram a parar em Aparecida?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por que você demorou 10 horas pra chegar a São Paulo? Você saiu de casa às 7 e chegou em São Paulo às 5 da tarde, 10 horas. Por que você chegou demorou tanto? Que estrada que você pegou?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você ia a São Paulo e voltava em 10. A gente demora no máximo 5. Não, de Campo Grande, nem 5, 4. Você... a Ilha de Capri, você já conhece o hotel, não é? Você já viu a foto para ver se é aquele mesmo?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Deve ser esse mesmo, tem ilha na frente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você quer ver a foto do hotel, para ficar bonitinho? Dá a foto aí do hotel, colorida, porque tem colorida. Eu vou te mostrar a preta e branca. É esse o hotel em que você esteve? Foi nesse hotel aí em que você esteve?

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Sr. Presidente, pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não reconheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não reconhece esse hotel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, por essa foto, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Deputado tem uma questão de ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Bolsonaro, questão de ordem.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Sr. Presidente, eu estou assistindo ao depoimento lá do meu gabinete e quero me dirigir ao coronel Walter dos Santos Paraíso. Eu sou do Rio de Janeiro, capitão Jair Bolsonaro. Quero dizer que o senhor tem todo o direito de permanecer calado, não pode admitir ser humilhado, porque quando vem traficante barra-pesada aqui, ninguém se dirige a ele da maneira como eu estou vendo se dirigir ao senhor. Então, como cidadão, como ser humano, já que direitos humanos aqui é para todo mundo neste País, o senhor tem direito a não se submeter a esses constrangimentos sobre a sua vida particular. E o conselho que eu dou a V.Sa. é que responda em juízo e não se submeta a humilhações, principalmente quando fala da sua farda. Até que prove que o senhor é culpado, o senhor tem que ser tratado com dignidade e com respeito. É isso que eu peço — porque eu não posso exigir —, que eu peço a V.Sa., que se comporte dessa maneira e não aceite humilhações nesta Comissão.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Muito obrigado, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Queria informar ao nobre Deputado Bolsonaro que o depoente já foi informado de todos os direitos que ele tem, no início do seu depoimento.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Também quero dizer outra coisa, pela ordem, Sr. Presidente. A farda dele tem o maior respeito por esta Comissão. A atitude de traficante dele é que não temos respeito nenhum. Não temos mesmo. E quanto à farda, eu acabei, inclusive, de falar com colegas dele, dizendo que essa farda ele deveria deixar de usar o quanto antes, porque não podemos manchar essa farda, não podemos manchar o brio de uma polícia de bombeiros, que eu conheço, defendo, e defendo junto com V.Exa. Não podemos manchar de jeito nenhum. Agora, não podemos também esconder um traficante por trás dela, de jeito nenhum.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Há Deputado que tem que honrar seu mandato aqui dentro também, não aceitando “mensalão”, nem corrupção, tem que agir com dignidade. Até que prove o contrário, todos os Deputados aqui, inclusive o Roberto Jefferson, são inocentes.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sem dúvida nenhuma, sem dúvida.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - E ninguém trata o Roberto Jefferson dessa maneira.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu só estou assim, eu só estou assim, porque quando me colocaram na Polícia Federal aqui de Brasília, eu fiquei próximo ao Lao, nunca tinha visto, só ouvi falar de nome; fiquei próximo à Geléia, eu também nunca vi, só de nome. O constrangimento foi imenso, e eu cheguei lá muito abalado, passando mal. E eles falaram para mim assim: “*Eles só tratam as pessoas de bem assim, porque a gente, eles não têm coragem de fazer isso*”. Foi o que eles falaram para mim lá. O jeito que eu fui tratado na semana passada aqui. Sr. Deputado, eu só agradeço ao senhor. O senhor está presente e está vendo o que a gente passa.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Então, eu quero dizer o seguinte, nós estivemos agora com a CPI no Rio Grande do Sul e tratamos igualmente todo mundo, dessa maneira, como tratamos também Fernandinho Beira-Mar do mesmo jeito, com a covardia que ele matou crianças, matou adolescentes. E nós dissemos foi na cara dele, olho no olho. E ele teve a mesma atitude dele: “*Eu não respondo mais nada para vocês, porque assim não dá*”. Foi a mesma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra a Deputada Laura Carneiro.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor consegue se lembrar desse saguão do Hotel Colina?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me permaneço no direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esse saguão, os Deputados que eventualmente ainda não leram, foi onde ele ficou, na segunda viagem, esperando o outro sujeito lá, que ninguém sabe o nome, antes de ir pegar a droga... pegar a droga... pegar as armas... fazer o controle das armas, das munições, desculpa. Mas o senhor disse antes que o senhor nunca tinha ido a Foz. Então, o senhor continua dizendo que nunca foi a Foz do Iguaçu? As 3 vezes são apenas uma investigação feita e provada. Mas o senhor disse para nós que só foi uma vez. O senhor mantém que só foi uma vez a Foz do Iguaçu?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. Só para lembrar que tem aqui a prova do registro de hóspede nas 2 outras vezes que o senhor esteve em Foz do Iguaçu. Vamos, então, àquele... cadê o depoimento? Cadê a fita gravada com o traficante? O senhor aqui diz o seguinte:

“Walter: “Tá onde, pô?. O traficante: Tô, tô na rua, seguindo pista ali. Walter: “Tá seguindo pista nenhuma, tá todo mundo aqui na rua.“ Que rua é essa? Lá no Taquaral?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Tudo o que tinha que falar na CPI, eu já falei na sessão passada. E eu só vou declarar alguma coisa em juízo, como... mantendo o meu direito constitucional de permanecer calado. De agora em diante, não respondo a mais nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É verdade que o senhor... O senhor não respondeu ainda. É verdade que o senhor, aqui pela degravação feita pela polícia, o senhor comprou os telefones Nextel do Batata, que é o primeiro homem do Robinho Pinga? É verdade que o senhor comprou os Nextel que foram para o pessoal do Robinho Pinga? (Pausa.) Sim? O senhor pode dizer “Eu me reservo o direito de ficar calado”, não tem problema.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. O senhor... Diz aqui: Walter: “*Aí, mano, tu quer saber de uma coisa, vou prender a munição toda*”. Traficante: “*Meu irmão, prende mesmo.*” Walter: “*Vou prender toda a munição. Vai se f.*” Traficante: “*P., o bagulho está sinistro, irmão, está sinistro. Não estou entendendo nada.*” Walter: “*Um bagulho de responsabilidade dessa. Deixa comigo aqui, mano.*” Você chama o Batata de filho. É verdade isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha o Batata com você: “*Fala aí, meu pai.*” Walter: “*P., eu fui doidão para o colégio. Foram tantos celulares, cara. Você caminha para c., cara.*” Batata: “*C., que barulho estranho é esse embaixo? Olha só, o Pequinho — que é um traficante — está na boca.*” Walter: “*A sua chamada tem frango*”, que, na linguagem aqui, explica que é interferência. Essa é uma linguagem muito... Nós aqui... Eu, pelo menos, não conhecia. Provavelmente é uma linguagem só das pessoas do ramo, do meio lá. Essa não é uma linguagem de uma pessoa normal. Normal não, de uma pessoa que não tenha ligação com o crime organizado. No caso, com arma. O senhor acha... Essa expressão o senhor aprendeu onde?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem um Vectra, ou teve um Vectra escuro, preto, cinza escuro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor também pediu emprestado o Vectra? Porque a Taís não falou desse Vectra. Só para o senhor lembrar. O senhor lembra do Hotel Colina?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só para o senhor saber como o pessoal já investigou o senhor. Esse aqui é o quarto em que o senhor ficou lá no Hotel Colina, quarto 20. O senhor lembra da porta do quarto?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos continuar, então. O senhor tem um Vectra? Teve um Vectra?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu poderia ter a assessoria de um advogado para evitar eu estar repetindo várias vezes que tenho o direito de permanecer calado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É que a cada pergunta o senhor responde, o senhor pode responder.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu poderia ter a assessoria de um advogado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Presidente pode pedir para providenciar.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Pela ordem. O senhor tem assessoria do seu advogado.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Ele não está presente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Aí, não é culpa da CPI. A CPI liberou totalmente para que ele pudesse estar presente. Mas tenho certeza...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu pediria a essa honrada Casa de leis que me dê esse direito.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Tenho certeza de que no dia de amanhã, quando tiver a acareação, teremos aqui o advogado. Sem sobra de dúvida.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Advogada.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ou um advogado *ad hoc* mesmo, para que ele possa ter um advogado acompanhando-o. Vamos pedir, se for o caso, até à OAB para que mande um advogado ao senhor.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Obrigado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É que hoje quem deveria estar acompanhando-o era sua advogada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De qualquer jeito, Presidente, apenas como registro, ele está dizendo que não tem nada para dizer. Não tem problema nenhum, repetir a frase não é nada demais.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Gostaria de uma assessoria jurídica para tirar essa dúvida. A senhora está perguntando repetitivamente as coisas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas isso é um direito meu.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Só para poder me afetar pessoalmente. Eu gostaria de uma assessoria jurídica.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não é pra afetá-lo pessoalmente.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O senhor tem o telefone da sua advogada?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, senhor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Taís deve ter, é a mesma.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Porque, se o senhor tem o telefone da sua advogada, pode ser franqueado. Ou qualquer advogado que o senhor conheça. O senhor pode ligar e pode perguntar, não tem problema nenhum.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não tenho o telefone dela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Taís deve ter.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Mas o senhor não tem o telefone da sua advogada?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não tenho, não, senhor.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - - Estranho isso, muito estranho. O senhor não tem o do escritório dela?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Já respondi ao senhor.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Um Deputado, *ad hoc* aí.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Se tiver algum, eu posso até dizer...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tem que ser alguém que seja advogado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Se algum advogado quiser ser nomeado *ad hoc*... Mas não apareceu, infelizmente, ninguém. Agora, o senhor tem liberdade de telefonar para sua advogada, ou seu advogado, e fazer a consulta que bem entender. Não tem problema.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu só gostaria que eu fosse respeitado, que eu tivesse uma assessoria jurídica.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor não está sendo desrespeitado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - O senhor está sendo respeitado. O senhor pode falar, a cada pergunta. Ou o senhor pode responder ou pode se reservar o direito constitucional de não se incriminar, se auto-incriminar. Esse é o direito constitucional que o senhor tem.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu fui desrespeitado semana passada e fui esta semana.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Então, é nesse sentido. Acho que o desrespeito maior está quando a gente pega 5 mil munições, entre elas traçantes, e com essas munições vai matar criança, vai matar jovem, vai matar policial, vai matar companheiro de farda seu. Isso, para mim, é um desrespeito muito grande. E o senhor deveria, agora, estar colaborando conosco, até pela sua farda, que o senhor tem, que é uma farda que todos nós admiramos, todos nós somos fãs dos bombeiros, compreendeu?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Semana passada, vocês desrespeitaram as minhas fardas, de tudo o que vocês puderam fazer para desrespeitar a minha farda...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não, essa técnica não vai funcionar. Não adianta pegar a deixa aqui hoje, porque essa técnica não vai funcionar. A sua farda...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ninguém desrespeitou a farda.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - ... sempre foi muito respeitada.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Saber se ele já está condenado, se ele já é condenado. Ele é inocente até que provem o contrário. Assim com o Roberto Jefferson é inocente até que provem o contrário também.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Só que ele foi pego com a munição no carro, é diferente. Ele já foi autuado em flagrante, o que é diferente.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Não pode alguém ter colocado no carro dele essa munição?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Três vezes?

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Não sei.



O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ele foi 3 vezes a Foz do Iguaçu só de fevereiro para cá.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Não estou defendendo ele não. Se for culpado, defendo pena de morte para ele.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Tem ali, nos telefones, a ligação dele com os traficantes, direto, a voz dele, tudo direitinho.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - ... do princípio que ele é culpado.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não, já não tenho dúvidas. Não tenho dúvida nenhuma.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Tudo bem, então deixa, dispensa.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Pela comprovação que tem, certamente vai ser indiciado.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Se não tem mais dúvida, dispensa.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não, porque é a chance que ele tem de colaborar. De colaborar com a moralidade, com a dignidade, de colaborar entregando se tem mais gente acima dele, quem são, o que são. Essa é a dignidade que a gente espera de alguém que teve uma formação para isso, de defender o povo. Essa é a dignidade de alguém que teve a formação de dar sua vida para defender o povo. Essa dignidade eu espero, e vou esperar até o último minuto.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Deixo claro aqui que, enquanto estava assistindo, a Relatora aí não estava, no meu entender, tratando de maneira cordial o interrogado. Até que prove o contrário, é inocente. E a farda ele vai deixar quando for submetido a um conselho. Não é por opiniões de A, B ou C aqui, acusando de qualquer coisa ou disso o que está aí, que ele vai pegar a farda dele e jogar fora. A farda está nele, é dele. Quando ele responder ao conselho e for julgado culpado, ele vai perder a farda nesse momento. E, se for realmente culpado, espero que ele perca o mais rápido possível. Mas não é com essas intimidações, partindo do princípio de que ele é culpado, que vamos permanecer nessa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Jair Bolsonaro, a Deputada Laura Carneiro está com a palavra para tomar o depoimento.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor...

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Você devia advogar para o seu Presidente.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Meu amigo, o dia que eu quiser dirigir a palavra para ti, eu dirijo. Não falo contigo para não me rebaixar. Tenho vergonha de ser teu colega neste Parlamento.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Isso é uma bagunça. Você quer é fazer palanque aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sai daqui que nós estamos trabalhando.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Devia ter vergonha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sai daqui.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - De jeito nenhum. É guerra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Jair Bolsonaro, Deputado Paulo Pimenta, o nosso objetivo aqui é ouvir o depoimento, eu sei que todos os Parlamentares aqui têm o direito de falar. Nós concedemos a palavra a V.Exa., ao nobre Relator, mas eu queria, para o bom andamento desta Comissão, que a Deputada Laura Carneiro continuasse com a palavra.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor disse que, na semana passada, conheceu o Djalma no futebol. Hoje, a Taís nos disse que, efetivamente, o senhor tinha voltado a estar com o pessoal do futebol, principalmente de Taquaral e, a partir disso, o senhor teria piorado o tratamento com ela. E eu quero saber se é verdade.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Gostaria de assessoria jurídica para eu poder não ficar respondendo toda hora. Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, é bom explicar ao depoente que ele não está aqui na condição de indiciado. Ele está aqui na condição de testemunha.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Por esse motivo, quero assessoria jurídica.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E que não é obrigação da CPI prestar assistência judiciária, muito menos jurídica à testemunha. Eventualmente, se ele estivesse na CPI como indiciado, e eu acho que vai chegar a estar um dia, aí, sim, seríamos “obrigados”, entre aspas, a recorrer a um advogado *ad hoc*.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Por ser leigo, eu gostaria de uma assessoria jurídica. Não para poder me auxiliar nas perguntas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor pode continuar dizendo que não quer responder. Não tem problema.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu só gostaria de perguntar porque a Exma. Deputada está repetindo as perguntas várias vezes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu não repeti nenhuma pergunta. Eu estou fazendo perguntas diferentes.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois não. Com a palavra o nobre Deputado.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sugestão: se for possível, nós começamos às 14h30min os trabalhos e o depoente está a repetir sempre. Já foram perguntadas várias vezes. Eu gostaria de solicitar que se encerrassem os trabalhos por hoje, se promovesse essa acareação amanhã ou em outro dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Nobre Deputado, reconhecemos o desejo de V.Exa., mas esta Comissão tem um papel a desenvolver dentro desta Casa. Estamos num processo de oitiva.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Pela ordem, Sr. Presidente. Até para retornar a tranqüilidade, tudo que não for coerente com os padrões desta Casa, eu peço que seja retirado das notas taquigráficas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Acatado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Posso continuar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pode. Só quero informar ao nobre Parlamentar que estamos tomando o depoimento da testemunha que foi convocada e que prestou juramento a esta Comissão, que tem um advogado constituído que já esteve com ele aqui e que poderia estar aqui. Não sabemos por que não veio e já foi orientado de todos os direitos que ele tem. Ele tem o direito constitucional realmente de permanecer calado, de não produzir prova contra ele mesmo. Agora, os métodos de investigação são utilizados de forma diferente. O nobre Deputado Jair Bolsonaro, inclusive, que é militar sabe disso. A diversificação da forma de inquirir, de tomar o depoimento, de obter informações desde que não



esteja ferindo esses princípios, todas elas são válidas, mesmo que seja na insistência.

Com a palavra a Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, voltando. O senhor, a Taís, no depoimento dela, disse que lhe perguntou que carro era aquele e o senhor disse que era do pastor Marcos. Por que o senhor não usou o seu carro e, sim o do pastor Marcos?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O pastor Marcos conhece o Djalma?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor disse no depoimento na semana passada que o passeio que o senhor quis dar foi com a sua namorada. Na verdade, esse era o objetivo da viagem. O senhor aproveitou para ganhar mil reais e fazer um passeio com a namorada. A minha pergunta é a seguinte: o senhor costumava sempre fazer esses passeios e, nesses passeios, conseguia encontrar munição?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor costumava viajar com as suas namoradas sempre para Foz do Iguaçu?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se o senhor não tem nada a temer, por que o senhor se reserva no direito de ficar calado.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado, V.Exa. tem o aparte.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Eu acho que a Comissão tem se empenhado no sentido de que o depoente... Eu acho que todo o esforço da Comissão desde o início dos trabalhos tem sido no sentido de que o depoente, em



sabendo da oportunidade ímpar que ele tem aqui diante desta Comissão, que ela vai fazer um relatório, ele tem oportunidade de dar a sua colaboração. Esse foi o nosso propósito, porque o propósito da Comissão é apurar essa questão do tráfico de armas. Sabemos muito bem que ele tem, naturalmente ele cuidados com pessoas da relação deles, do ambiente onde ele mora, do ambiente que ele freqüenta e, certamente, talvez ele pudesse nos ajudar dando indicações das fontes de onde ele adquiriu aquele material, aquelas munições. Isso foi falado claramente, mas eu observo que ele está absolutamente condicionado a não colaborar. Nós tentamos, na semana passada tocar nessa questão do sentimento dele, da formação que ele tem, dos resquícios que ele deve ter dessa formação militar de uma instituição que todos nós amamos, mas ele é absolutamente frio com relação a isso. Então, ele, pelos indícios que temos, pelas sobejas provas, ele está envolvido até a alma. Então, eu acho uma perda de tempo continuarmos inquirindo o Walter dos Santos. É esperar que o processo seja concluído na Polícia Federal, que a cada dia reúne mais provas e fazermos o relatório incriminando da maneira mais grave possível diante do que temos em termos de documento, de provas documentais e até dos depoimentos das contradições dos depoimentos dele e da namorada dele.

Então, nesse sentido, eu sugiro que o trabalho seja encerrado e que esse rapaz seja levado de volta para o xadrez, onde ele deve ficar por mais tempo e não perdemos mais tempo com ele não. Essa é a minha proposta.

O Presidente estava um pouco distraído e não ouviu nossa finalização. A minha sugestão é a de que não percamos mais tempo com esse rapaz, o depoente. Ele está condicionado a não colaborar. Esse propósito de ajudar a Comissão, de dar essa contribuição de modo que possa até ser citado no relatório, ele não os tem pelas razões que ele sabe. Então, pelo envolvimento que ele tem e que está sobejamente provado e que só resta agora esperar o tempo, o juiz bater o martelo, condenar, é o que está reservado para ele. Então, não devemos perder mais tempo com ele. Essa é a minha sugestão, inclusive, que ele seja dispensado, que vá para o xadrez onde deve ficar por muito tempo. Não tem pobre nessa história, não. Deputada. As pessoas entram nisso aí... Não, mas ela tem inteligência suficiente, vivência suficiente para saber o caminho que optou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nós estamos averiguando. O senhor conhece o Deputado Josias Quintal, que é coronel da PM?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhor e respeito muito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor teria uma conversa com ele e outros coronéis aqui para conversar sobre todos os acontecidos?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu me reservo o direito de permanecer calado. Respeitando o trabalho que ele já fez, faz ainda, eu me reservo o direito de permanecer calado.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor conversa comigo e com o Bolsonaro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Converso, sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Conversa com ele?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Com o Exmo. Sr. Deputado e o outro Deputado que ele falou.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Bolsonaro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Comigo sozinho?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Converso.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não vai me fazer perder tempo.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu não sei o que o senhor está falando em perder tempo. Eu já conversei com o senhor semana passada.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não sinalizou nada. Nada que pudesse colaborar. Se for assim, também não quero conversar contigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom, quero dizer que nós vamos retomar a sessão. Vamos encerrar a sessão. O setor médico... Parece que ele comunicou à segurança que estava se sentindo meio mal. Estamos aqui com o setor médico. Fica à sua disposição para fazer uma consulta e amanhã nós estaremos aqui. Eu peço ao Secretário da Comissão que possa pedir um advogado *ad hoc* para acareação. Talvez a Assessoria Legislativa possa indicar alguém. Amanhã teremos votação e teremos também acareação sua com a menina Taís também. Está certo?

Então, dou por encerrada esta reunião, convocando uma reunião para amanhã à tarde, às 14h.

Obrigado a todos.